

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Luma Cabrera de Araújo

MARIA SIBYLLA MERIAN (1647-1717) E SEU *METAMORPHOSIS
INSECTORUM SURINAMENSII*: UM PERCURSO ENTRE ARTE E
HISTÓRIA NATURAL

Mestrado em História da Ciência

São Paulo

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

MARIA SIBYLLA MERIAN (1647-1717) E SEU *METAMORPHOSIS
INSECTORUM SURINAMENSII*: UM PERCURSO ENTRE ARTE E
HISTÓRIA NATURAL

Luma Cabrera de Araújo

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História da Ciência, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Maria Alfonso-Goldfarb.

São Paulo

2022

Banca Examinadora

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação São Paulo (PUC) e com fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Número do processo: 88887.662145/2022-00

This study was financed in part by the Fundação São Paulo (PUC) and Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Code 001 – 88887.662145/2022-00

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe, Alzenize Cabrera, e ao meu marido, Daniel Leite, pelo apoio para a realização deste trabalho.

Agradeço à orientadora, Profa. Dra. Ana Maria Alfonso-Goldfarb, pelo apoio, pela compreensão, pela acolhida e pela atenção especial em tempos difíceis.

Agradeço à professora e coordenadora do programa, Dra. Márcia Ferraz por todo o suporte e ajuda. Sei o quanto a professora me auxiliou em diversas questões envolvendo minha vida acadêmica. Por esse motivo, serei eternamente grata.

Agradeço à Camila Fernandes, secretária do programa, pela infinita atenção, solicitude, ajuda, paciência e suporte. Sem ela, esta trajetória teria sido muito mais difícil e turbulenta.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em História da Ciência com quem tive aulas. Serei sempre grata aos momentos valiosos de aprendizado com todos eles.

Agradeço a todos os meus amigos que apostaram em meu potencial e me auxiliaram com suas leituras, sugestões de melhoria e ideias.

Agradeço a todos aqueles que verdadeiramente apoiaram meu projeto de mudar os rumos da minha vida e que, de coração, torceram pelo meu sucesso.

RESUMO

A obra de Maria Sibylla Merian possui uma quantidade tão rica de informações que é possível estudá-la sob diversas óticas. Tanto em *Der Raupen* quanto em *Metamorphosis insectorum Surinamensium* focaliza as metamorfoses de insetos, em especial, mariposas e borboletas. Maria Merian fundiu, porém, suas habilidades artísticas aos conhecimentos observacionais que ia adquirindo conforme avançavam suas pesquisas. Criou imagens que resumiam em torno de si todas as fases de transformação aliadas às plantas que serviam de nutriente a estas espécies. O efeito que isto causa é, ao mesmo tempo, simples e admirável: a mera visualização de suas imagens fornecia boa parte da história que queria contar. Seus textos supriam o restante: tipo de alimentação preferida do inseto, comportamento típico das lagartas, duração do período da crisálida, características morfológicas, assim por diante. Sob esta perspectiva, a presente dissertação visa analisar, especialmente, sua obra sobre o Suriname, que seguiu a mesma linha de suas obras sobre insetos europeus e terminou por adquirir ainda mais notoriedade. Ao apresentar temas ligados às relações entre seres humanos e natureza, deixou para a posteridade informações preciosas sobre como indígenas, escravizados negros e colonos europeus lidavam com os recursos disponíveis na colônia. Daí resultam descrições sobre os usos que se faziam de plantas e animais para alimentação, sobre as estratégias de cura, sobre certos costumes ligados ao dia a dia da região, sobre a dimensão econômica da colonização neerlandesa no Suriname, enfim, todos estes aspectos aliados às preciosas aquarelas típicas de Maria Merian.

Palavras-chave: Maria Sibylla Merian; colonização neerlandesa; Suriname; *Metamorphosis insectorum Surinamensium*; História da Ciência.

ABSTRACT

Maria Sibylla Merian's work has such a rich amount of information that it is possible to study it from different perspectives. In both *Der Raupen* and *Metamorphosis insectorum Surinamensium* she focuses on the metamorphoses of insects, especially moths and butterflies. Nonetheless, Maria Merian merged her artistic skills with the observational knowledge she was acquiring as her research progressed. She created images that summarized all the phases of transformation allied to the plants that served as nourishment for these species. The effect this has is, at the same time, simple and admirable: the mere visualization of her images provided much of the story she wanted to tell. Her texts supplied the rest: an insect's preferred food type, typical caterpillar behaviour, duration of the chrysalis period, morphological characteristics, and so on. From this perspective, the present dissertation aims to analyze, especially, her work on Suriname, which followed the same line as her works on European insects, acquiring even more notoriety. By presenting themes related to the relationship between human beings and nature, she left for posterity precious information about how indigenous people, black enslaved people, and European settlers dealt with the resources available in the colony. This gives rise to descriptions of the uses of plants and animals for food, healing strategies, certain customs linked to the daily life of the region, and the economic dimension of Dutch colonization in Suriname, at last, all these aspects combined with the precious watercolours typical of Maria Merian.

Keywords: Maria Sibylla Merian; Dutch colonization; Suriname; *Metamorphosis insectorum Surinamensium*; History of Science.

Sumário

Introdução	12
CAPÍTULO 1	
Sobre a trajetória e produção de Maria Sibylla Merian.....	13
1.1 – Família, anos iniciais e primeiras produções.....	13
1.2 – Sobre o período na Frísia e em Amsterdam	25
1.3 – Da temporada de Maria Merian no Suriname	32
1.4 – Do seu retorno a Amsterdam e anos finais	36
CAPÍTULO 2	
Sobre a obra <i>Metamorphosis insectorum Surinamensium</i>	40
2.1 – Da produção do <i>Metamorphosis insectorum Surinamensium</i>	40
2.1.1 – Das etapas da produção do livro sobre o Suriname	43
2.1.2 – Dos custos de produção e venda do <i>Metamorphosis insectorum Surinamensium</i>	45
2.1.3 – Das impressões posteriores do livro	48
2.2 – Do conteúdo do <i>Metamorphosis Insectorum Surinamensium</i>	49
2.2.1 – De como o tema Alimentação foi tratado na obra sobre o Suriname	50
a. Pranchas 1 e 2 – abacaxi	50
b. Pranchas 4 e 5 – mandioca	51
c. Pranchas 3 e 14 – graviola	52
d. Prancha 16 – caju e pranchas 18 e 19 – goiaba	52
e. Pranchas 12 e 23 – banana.....	53
f. Prancha 15 – melão e prancha 17 – limão-galego	54
g. Prancha 25 – baunilha.....	54
h. Prancha 26 – cacau.....	54
i. Prancha 48 – jenipapo e descrição textual da palmeira.....	55
2.2.2 – De como o tema do tratamento de males foi abordado na obra sobre o Suriname	55
a. Prancha 10 – algodão surinamense, prancha 30 – mamona; prancha 32 – mata-pasto.....	55
b. Prancha 16 – caju	56
c. Prancha 38.....	56
d. Prancha 48 – jenipapo	57
2.2.3 – De como os usos cotidianos das plantas foram abordados na obra sobre o Suriname	57
a. Prancha 10 – árvore do algodão surinamense	57
b. Prancha 11 – açacurana e prancha 40 - papaia	57

c. Prancha 30 – mamona e prancha 20 - gumbo limbo	58
d. Prancha 42 – abelmosco	58
e. Prancha 44 – urucum.....	58
f. Prancha 48 – jenipapo	59
g. Prancha 45 – flor pavão	59
2.2.4 – De como Merian expressou suas críticas à dimensão econômica da colonização neerlandesa do Suriname	60
a. Prancha 7 – acerola.....	60
b. Prancha 13 – cajá	60
c. Prancha 25 – baunilha e prancha 33 – figueira.....	61
d. Prancha 34 – uva.....	61
e. Prancha 36.....	61
2.2.5 – De como Merian compôs e descreveu certos animais no livro sobre o Suriname	62
a. Prancha 1 – barata	62
b. Prancha 4 – Tegu	63
c. Prancha 5 – lagarta e cobra.....	64
d. Prancha 15 – mariposa	65
e. Prancha 18 – vários animais.....	66
f. Prancha 19 – lagarta.....	68
g. Prancha 34 – lagarta.....	69
h. Prancha 23 – lagarto.....	70
i. Prancha 27 – gafanhoto.....	71
j. Prancha 56 – barata d’água e sapo	72
k. Prancha 59 – sapo pipa-pipa	73
l. Prancha 52 – lagarta.....	74
2.3 – Da historiografia sobre o livro sobre o Suriname	74
2.3.1 – Da historiografia durante os séculos XVIII E XIX	74
2.3.2 – Da historiografia contemporânea.....	78
Considerações Finais.....	85
Bibliografia.....	86

Introdução

A trajetória de Maria Sibylla Merian, de fato, causa espanto por sua originalidade. Mapear a vida dessa mulher do século XVII mostrou que seu percurso foi invejável e digno de nota. Isso porque, já na infância, dedicava suas horas de lazer à pesquisa da metamorfose das borboletas e mariposas. Na fase adulta, acabou por publicar suas observações utilizando as técnicas de gravação e pintura em aquarela que aprendera com o padrasto na infância. Além disso, passou cinco anos de sua vida em um grupo religioso e, neste meio tempo, terminou por se divorciar do marido. Mas seu feito mais surpreendente foi empreender, aos 52 anos, uma viagem ao Suriname – até então uma colônia pertencente à República Unida dos Países Baixos – para observar e documentar os insetos que tanto admirava. Ao retornar à Europa, conseguiu tornar-se uma notável entre seus pares após a publicação de sua obra prima: *Metamorphosis insectorum Surinamensium*, cuja primeira edição foi lançada em 1705.

Entretanto, sua obra vai muito além das discussões sobre sua vida. Seu trabalho foi alvo de admiração ao longo do século XVIII, de detração durante o XIX e admiração novamente na contemporaneidade, a ponto de ganhar, em estudos cujo tema é a participação de mulheres na ciência, uma interpretação atualizada sobre seu papel nos estudos de insetos. Seu percurso pessoal e a sua obra sobre o Suriname são exatamente os dois grandes temas sobre os quais se debruça a presente dissertação. No primeiro capítulo, além da biografia resumida de Maria Sibylla Merian, adentramos o contexto da colonização promovida pela República Neerlandesa, que articulou um verdadeiro movimento em torno da troca e intercâmbio de espécimes provenientes das colônias e de estudos em relação à história natural da qual a autora fazia parte. O segundo capítulo do presente trabalho dedica-se a tratar da produção e venda do *Metamorphosis*, abordar os temas ricos, porém pouco explorados em torno dos textos desta obra e problematizar parte da historiografia que discute o trabalho de Maria Sibylla Merian sob pontos de vista muitas vezes divergentes e controversos.

CAPÍTULO 1

Sobre a trajetória e produção de Maria Sibylla Merian

1.1 – Família, anos iniciais e primeiras produções

A obra da pintora em aquarela, gravadora em cobre e grande observadora seiscentista dos ciclos de vida dos insetos, Maria Sibylla Merian, pode ser estudada a partir de perspectivas multifacetadas. Uma das mais exploradas, especialmente por ser o ponto focal de seu trabalho, liga-se a seu interesse pela metamorfose dos insetos. Uma rápida pesquisa *online* resulta em uma torrente de resultados, seja de sites de notícias¹, seja de trabalhos acadêmicos², seja de vídeos no *Youtube* comentando sua trajetória³. Outros estudos têm por objetivo evidenciar suas qualidades técnicas e artísticas.⁴ Há também um vasto conjunto de obras que contam sua vida: desde aquelas com enfoque na divulgação do trabalho de mulheres nas ciências, em especial para o público infanto juvenil⁵, até pesquisas minuciosas desenvolvidas por historiadores⁶, passando, inclusive, por peças de teatro⁷.

¹ Dois exemplos são: o artigo da *BBC News Brasil*, “A Mulher que Descobriu a Metamorfose e se Embrenhou de Espartilho na Amazônia no Século 17” e uma reportagem da *Folha de São Paulo*, “Conheça Maria Sibylla, a Mulher que Estudava e Pintava Insetos”.

² Infelizmente raros em nosso país são, entretanto, relativamente comuns no exterior. Na presente dissertação, alguns destes trabalhos acadêmicos serão comentados no item que trata da historiografia de nossa autora. Aparecem igualmente referenciados na bibliografia.

³ No site do *Youtube* comumente se encontram vídeos que contam a trajetória de Maria Sibylla Merian sob a perspectiva dos estudos de gênero nas ciências. Dois exemplos são: *Mulheres Fantásticas #8 | Maria Sibylla Merian* – vídeo TV Globo e *MARIA SIBYLLA MERIAN | Casal Físico-Química 16*.

⁴ Para citar apenas três exemplos, temos o trabalho *Art in History, History in Art*, do historiador de arte David Freedberg, juntamente com Jan de Vries. Svetlana Alpers, historiadora de arte, citou, mesmo que timidamente, o trabalho de Maria Sibylla Merian e de Joannes Goedaert em seu livro *A Arte de Descrever*, ao comparar as obras derivadas de microscopistas com os trabalhos de artistas que representavam a história natural sem o uso destes instrumentos; há ainda a obra de Kate Heard, curadora do *Royal Collection Trust*, que no livro *Maria Merian's Butterflies* destaca aspectos artísticos da obra de Merian.

⁵ Três exemplos: *Wonder Woman: 25 Mulheres Inovadoras, Inventoras e Pioneiras que Fizeram a Diferença*, de Sam Maggs; *As Cientistas: As 50 Mulheres que Mudaram o Mundo*, de Rachel Ignatofsky; *The Girl Who Drew Butterflies: How Maria Merian's Art Changed Science*, de Joyce Sidman.

⁶ Um exemplo desse tipo de abordagem de interesse histórico é apresentado no livro *Nas Margens: Três Mulheres do Século XVII*, de Nathalie Zemon Davis e nos textos introdutórios da edição fac-símile do *Metamorphosis insectorum Surinamensium*, publicado em 2016.

⁷ “Maria e os Insetos” é uma websérie teatral, dirigida por Thais Medeiros, da Companhia Delas de Teatro, citada na reportagem de Marcella Franco na *Folha de São Paulo*, de 20 de fevereiro de 2021.

De fato, Maria Sibylla Merian tem um percurso pouco usual. Nascida na cidade livre e imperial de Frankfurt am Main, em 1647, pertencia a uma família de conhecidos gravadores, pintores e editores de livros. Seu pai foi Matthäus Merian, o Velho (1593-1650), um gravurista proveniente da Basileia que, após retornar de viagens de aperfeiçoamento por cidades da Europa, mudou-se para Frankfurt em 1615. Nesta cidade, passou a trabalhar na editora de Johann Theodor de Bry (1561-1623), filho do renomado gravurista Theodor de Bry (1528-1598). Após alguns anos, Matthäus Merian terminou por se associar a esta família e, em 1617, casando-se com Maria Magdalena de Bry (1598-1645), neta do famoso Theodor de Bry.⁸

Theodor de Bry ficou conhecido por produzir gravuras retratando imagens de viagens a locais distantes, dentre elas, às Américas, a partir dos relatos dos viajantes que retornavam destas terras. O resultado foi convertido nos treze volumes do *Grands Voyages*, obra que contém, inclusive, em seu terceiro volume, o relato de Hans Staden sobre sua temporada no Brasil entre os tupinambás e as cerimônias ritualísticas antropofágicas destes ameríndios⁹.

Matthäus Merian, o Velho, assumiu a editora do sogro após o falecimento deste e, depois de conseguir tornar-se cidadão de Frankfurt, pôde atuar como editor independente. Sendo assim, continuou e concluiu alguns dos trabalhos já iniciados pela família de Bry e, com o passar do tempo, tornou-se respeitado em seu círculo devido ao sucesso de seus trabalhos ao produzir, em sua própria editora, coleções de mapas, imagens de cidades e vistas urbanísticas bastante conhecidas no período.¹⁰

Seus filhos mais conhecidos deste primeiro casamento foram Caspar Merian (1627-1686) e Matthäus Merian, o Jovem (1621-1687), ambos continuadores da obra da família de Bry e do trabalho do próprio pai. Ao ficar viúvo da primeira esposa, Matthäus Merian, o Velho, casou-se com Johanna Sibylla Hein (ca.1620-1690), com quem teve dois filhos: Maria Sibylla Merian e Maximilian, falecido ainda na infância.

Em 1650, quando Maria Merian contava três anos de idade, o pai faleceu. Se a perda do genitor em idade tão tenra fez com que Maria Merian não pudesse ter tido contato profícuo com o mesmo, foi com o padrasto que ela passou a aprender as técnicas artísticas e de ateliê que utilizaria por toda a vida. Com a morte de Matthäus Merian, Johanna Hein casou-se com Jacob Marrel (ca. 1614-1681). Marrel foi um

⁸ O site da *My Heritage* possui as informações sobre a genealogia de Matthäus Merian, o Velho.

⁹ Pereira, "O Trânsito entre Imagem Escrita e Imagem Iconográfica em Theodore de Bry".

¹⁰ Matthäus Merian, o Velho, junto de Martin Zeiler foi o criador da série em multi volumes *Topographia Germaniae*, publicado em Frankfurt entre 1645 e cerca de 1660.

antigo pupilo do pintor e especialista em natureza-morta George Flegel (1566-1638)¹¹. Além de se dedicar à pintura e à usual negociação de quadros¹², Jacob Marrel ocupava-se também da produção de livros ou catálogos para a venda de bulbos de tulipas¹³, apresentando delicadas imagens dessas flores, e dava aulas para aprendizes em seu estúdio.

Consta que Maria Sibylla Merian frequentava estas aulas e passou a receber de Marrel treinamento em diversas técnicas: nas artes do desenho, da gravura em placas de cobre, da pintura em aquarela, dentre outras. O ambiente ao qual pertencia, em parte, não discriminava mulheres em sua participação no dia a dia dos ateliês de arte e oficina. Além disso, a maioria das mulheres que se ocupava de arte, no início da era moderna, pertencia a famílias de artistas. Esse círculo via com bons olhos, apesar de muitas restrições, a participação de mulheres nestas atividades e tratava de incentivar os seus talentos, desconsiderando as crenças da época relativas aos efeitos do temperamento feminino para alcançar a genialidade¹⁴. Entretanto, como é de se esperar, as mulheres artistas pertencentes a estes círculos eram regidas por regras diferentes das de seus irmãos. A elas, não era permitido, por exemplo, dedicar-se à pintura histórica de grandes proporções, muito menos à representação de nus.¹⁵

Outra diferença reside no fato que às mulheres, ao contrário dos homens, não era permitido viajar para aperfeiçoar suas habilidades em ateliês de artistas em outras cidades ou países. Portanto, foi exclusivamente sob a tutela da família que Maria Merian iniciou-se nas técnicas que utilizaria em suas obras por toda a vida. Jacob Marrel ensinou-lhe as artes do ofício: o modo de macerar e preparar os pigmentos, o tratamento necessário para o preparo das telas e do velino, a

¹¹ Reitsma, “Maria Sibylla Merian”, apresentação para *Metamorphosis insectorum Surinamensium*, 10.

¹² Schama, *Desconforto da Riqueza*, 316-317. Simon Schama explica que na República dos Países Baixos, o comércio de quadros e a presença deles nas casas da classe média citatina era corriqueira. Sua argumentação baseia-se em três elementos: na frequência com que quadros apareciam nas listagens de inventários e testamentos, no preço relativamente baixo com que eram negociados em leilões (em comparação a outros bens, como móveis e roupas) e nos relatos de visitantes estrangeiros a casas neerlandesas.

¹³ Alsteens & Spira, *Dürer and Beyond*, 198-200.

¹⁴ Fernandes, “O Corpo e a Construção das Desigualdades”, 4. Uma das teorias médicas e filosóficas correntes neste período e vigentes ainda no início do século XX postulava que o sexo padrão era o masculino. O corpo feminino seria então um corpo masculino invertido e, portanto, inferior. Isto se convertia não só na crença na fragilidade física que seria inerente às mulheres, mas também em uma incapacidade para grandes atividades intelectivas, artísticas e morais.

¹⁵ Davis, *Nas Margens*, 134.

execução dos desenhos e dos modos de gravação em placas de cobre e a posterior impressão de cores, camada por camada, e da pintura em aquarela.¹⁶

Mas seus interesses residiam também em outras questões. Além das pinturas e das gravuras, ela relatou que, desde a infância, criava bichos-da-seda para observar seu ciclo de vida:

“[...] eu mantive minha mente, desde a juventude, na pesquisa dos insetos. No começo com bichos-da-seda da minha cidade natal de Frankfurt, mas percebendo que muito mais belas borboletas, noturnas e diurnas, emergiam de lagartas, fui levada a reunir todas as lagartas que pude encontrar e fazer observações de suas metamorfoses”.¹⁷

A documentação primária de que se tem notícia não fornece pista concreta do que teria desencadeado em Maria Merian seu interesse juvenil em observar o ciclo de vida dos insetos e nem o porquê teria começado especificamente com os bichos-da-seda. Entretanto, esse tipo de estudo não se mostra necessariamente extraordinário para o período. Primeiramente, sob o ponto de vista das composições imagéticas, especialmente nas naturezas-mortas (figura 1), animais em geral e insetos em específico eram elementos comuns. Em relação a imagens de plantas, esses tipos de animais estão comumente presentes como elementos decorativos desde obras como florilégios (figura 2) até livros destinados à venda de tulipas (figura 3).

¹⁶ Reitsma,10. Em seu texto introdutório para a reedição fac-similar da obra do Suriname, Ella Reitsma explica que Maria Sibylla foi treinada em aquarela muito provavelmente porque em diversas cidades germânicas não era permitido às mulheres vender quadros a óleo.

¹⁷ Merian, *Metamorphosis insectorum Surinamensium*,177.



Figura 1 – Jacob Marrel, 1634, *Natureza-morta com vaso de flores e sapo morto*.
 Fonte: <https://www.rijksmuseum.nl/nl/collectie/SK-A-772>



Figura 2 – Maria Sibylla Merian, 1680, *Blumenbuch*.



Figura 3 – Jacob Marrel, ca. 1635-45, *Quatro tulipas*. Aquarela sobre velino.
 Fonte: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/337769>

Portanto, não devia ser raro encontrar lagartas, borboletas, mariposas e insetos em geral nos ateliês de artes. Além de serem usados como elementos ornamentais em obras de arte, muitos trabalhos produzidos em editoras e ateliês do período tinham especialmente os insetos como tema principal, muitos dos quais utilizando da observação de suas anatomias para a tentativa de estabelecer sistemas classificatórios.

Os meio-irmãos de Maria Merian, por exemplo, elaboraram as ilustrações da obra *Historia naturalis de insectis* (figura 4) do médico e erudito Jon Jonston (1603-1675), mesmo que, na maior parte das vezes, se valessem da cópia de obras de outros estudiosos ao invés de adotar modelos vivos. De qualquer forma, a presença de insetos, tanto vivos quanto mortos ou em trabalhos de outros era algo comum neste tipo de oficina.¹⁸

¹⁸ Davis, 135.



Figura 4 – Jon Jonston, 1653, *Historia naturalis de insectis*.
Ilustrações elaboradas por Mathias Merian, o Jovem.

Mas se não há certeza da origem do entusiasmo de Maria Merian por esse tipo de estudo, podemos ver em seus trabalhos o resultado profícuo que o interesse por arte e metamorfoses teria em sua vida. Ainda em 1665, Maria Merian, aos 18 anos, casou-se com um antigo aprendiz de seu padrasto, Johann Andreas Graff (1636-1701). O casal passou cinco anos em Frankfurt, onde nasceu sua primeira filha, Johanna Helena (1668-1723). Mudaram-se, posteriormente, para Nuremberg, cidade natal de Graff. Nesta cidade, o pai de Graff destacava-se na arte da poesia e era reitor do ginásio da Egidienplatz. Os Graff não eram necessariamente uma família patricia, mas desfrutavam de certa admiração.¹⁹

O casal passou então a circular entre estudiosos e eruditos, frequentando a casa de artistas doutos como Joachim Sandrart (1606-1688)²⁰, o primeiro a admirar, já em

¹⁹ Ibid., 136.

²⁰ Joachim Sandrart foi pintor e historiador de arte. É mais conhecido por ter escrito o livro *German Academy of the Noble Arts Architecture, Sculpture and Painting*, ou *Teutsche Academie (Academia Todesca)*, com biografias resumidas de diversos artistas. Nesta própria obra consta que aprendeu a

1683, o conhecimento de Maria Merian sobre insetos, o modo esmerado como os registrava lindamente – incluindo a imagem de seus excrementos –, além de suas habilidades e ciência na produção de corantes, na pintura em seda e outros tecidos, de modo que as cores permaneciam magnificentes mesmo depois de lavadas. Além disso, ele a exaltava pelo seu primoroso trabalho no bordado e no modo como administrava a casa excelentemente.²¹

Em Nuremberg, Maria Merian, agora chamada de Frau Graff, além de continuar a dedicar-se à pintura em velino e linho, ao trabalho com bordado e à gravação em cobre, passou a dar aulas para um grupo de moças, muitas delas provenientes da aristocracia local e tornou-se amiga de pintoras da cidade. Em 1678, nasceu a segunda filha do casal: Dorothea Maria Graffin (1678-1743). Concomitante às suas obrigações de esposa, mãe e dona de casa e às suas atividades artísticas, Maria Merian continuou observando insetos, coletando lagartas dos jardins e quintais de amigos, alimentando-os com folhas, flores e registrando seu comportamento.²²

Nesse período em Nuremberg, Maria Merian publicou, com a ajuda do marido – apesar de continuar destacando o fato de ser filha de Matthäus Merian, o Velho –, seu primeiro trabalho: um *Blumenbuch*, ou seja, um livro contendo uma coletânea de imagens de flores, mostradas individualmente ou compondo guirlandas e buquês, em geral, sem nenhum texto. No caso do livro de Merian, produzidas através da técnica de gravação em cobre. Este trabalho terminou por ganhar mais duas partes, até que, em 1680, os três volumes foram publicados em edição única, sob o nome de *Neues Blumenbuch* (figura 5).²³

ler e escrever com Johann Theodor de Bry e o sócio deste, Matthäus Merian, o Velho, pai de Maria Merian.

²¹ Reitsma, 11.

²² Muitas das informações sobre a rotina de observações de Maria Merian basearam-se em um diário pessoal (conhecido também como livro de estudos ou caderno de estudos) que faz parte do acervo da Biblioteca da Academia de Ciências de São Petesburgo. Foi publicado em 1976 com o nome de *Schmetterlinge, Kafer und Andere Insekt* por Wolf-Dietrich Beer e é citado no artigo “Maria Sibylla Merian: Recovering an Eighteenth-Century Legend”, de Sharon Valiant, de 1993. Outros estudos e biografias também fazem referência a essa obra. Infelizmente, para o presente trabalho, não foi possível ter contato com nenhuma versão desse diário. Por esse motivo, as menções a ele ocorrerão de forma indireta na dissertação.

²³ Davis, 137.



Figura 5 - Maria Sibylla Merian, 1680, *Neues Blumenbuch*.

Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Merian-neues-blumenbuch-band1.titel.jpg>

Nesta obra, imagens de insetos já estavam presentes, mas foram adicionados de maneira bastante discreta. A intenção principal deste tipo de trabalho era fornecer inspiração para praticantes de pintura e bordado. Portanto, tinham finalidade prática e eram usados intensamente até ficarem gastos, saírem de moda ou serem descartados. Isso explica porque poucos exemplares sobreviveram até os dias atuais.²⁴ Mesmo não sendo os elementos principais e não recebendo o mesmo nível de minúcia, os ocasionais insetos, como lagartas, aranhas e borboletas, foram reproduzidos com detalhismo nessa obra.²⁵

Outro trabalho, com um caráter e um público-alvo muito diferentes, já tomava forma muitos anos antes da publicação consolidada do *Neues Blumenbuch*.

²⁴ Reitsma, 11.

²⁵ Davis, 137.

Em 1679, Maria Sibylla Merian publicou *Der Raupen wunderbare Verwandelung und sonderbare Blumen-Nahrung*²⁶ ou, em tradução livre para o português, *A Maravilhosa Metamorfose das Lagartas e sua Singular Alimentação à Base de Flores* – que receberia um segundo volume em 1683.

Essa obra marcou um estilo de reprodução da metamorfose dos insetos que serviria de inspiração a muitos outros estudiosos subsequentes²⁷: ao invés de representar cada fase, sequencialmente, uma após a outra – como havia sido feito pelo pintor em aquarela e observador amador Johannes Goedaert em *Metamorphosis et historia naturalis insectorum*, publicado em três volumes entre 1662 e 1669 (figura 6) ou pelo médico e anatomista Jan Swammerdam em *Historia Insectorum Generalis*²⁸, de 1669 (figura 7) –, Merian preferiu organizar a imagem colocando os estágios de lagarta, crisálida e fase adulta na mesma composição, incluindo a planta da qual o inseto se alimentava (figura 8). Essa característica marcante de suas composições levanta debates interessantes a vários estudiosos contemporâneos, em especial acerca da influência de sua composição imagética no trabalho de estudiosos de história natural posteriores.²⁹

A obra *Der Raupen wunderbare Verwandelung und sonderbare Blumen-Nahrung* possuía 50 gravuras e foi produzida em preto e branco e em cores, conforme o desejo ou as posses do comprador. As imagens mostravam um ou mais estágios dos insetos reproduzidos ao vivo e em diversas fases de sua metamorfose: lagarta ou larva; pupa com ou sem casulo e o animal em fase adulta (borboletas, mariposas, moscas) voando, em repouso, ou em ambas as posições.³⁰ Muitas destas imagens incluíam também os ovos do animal, o que tangenciava debates importantes para o período, dentre os quais as discussões em torno da geração espontânea dos insetos.

Naquele momento, parte dos observadores destes animais ainda acreditava na versão aristotélica da geração espontânea dos insetos, acreditando que sua origem se dava a partir da lama e da podridão³¹. Tal seria o caso de Johannes Goedaert. Por isso, nenhuma de suas imagens de metamorfose mostra a fase de ovo (vide um

²⁶ Publicado em língua germânica.

²⁷ Heard, *Maria Merian's Butterflies*, 13.

²⁸ Ibid.

²⁹ Estes debates serão discutidos no capítulo 2 desta dissertação, no item que tratará da historiografia em torno da obra de Maria Merian.

³⁰ Davis, 138.

³¹ Rooney, *A História da Biologia*, 108.

exemplo na figura 6)³². Todavia, Maria Merian alinhava-se ao grupo oposto e representava o estágio ovular de seus objetos de observação.

Além disso, a autora organizou cada imagem em torno da planta da qual o inseto se alimentava, representando-a, em geral, com as flores e, algumas vezes, com os frutos, optando por mostrar os locais (folhas, caule ou solo) em que a fêmea depositava os ovos. Cada planta foi identificada em alemão ou latim e suas observações em relação ao comportamento do animal a cada estágio foram incluídas, citando datas, descrevendo reações e a aparência do inseto.³³



Figura 6 – Goedaert, 1669, *Metamorphosis et historia naturalis insectorum*.

³² Etheridge, "Maria Sibylla Merian: The First Ecologist?", 37. No trecho em que explica as crenças de Goedaert, Etheridge baseia-se no livro *Generation, The Seventeenth-Century Scientists Who Unraveled the Secrets of Sex, Life, and Growth*, de Matthew Cobb.

³³ Davis, 138.



Após a morte do padrasto, em 1681, a família voltou para Frankfurt, já que a mãe precisava de auxílio nas questões relativas ao espólio de Jacob Marrel: livros, materiais, desenhos, impressões e quadros foram organizados e/ou vendidos.³⁴ Além disso, após a publicação do segundo volume de *Der Raupen wunderbare Verwandlung und sonderbare Blumen-Nahrungem*, em 1683³⁵, Maria Merian passou imediatamente a coletar e criar mais insetos³⁶. Dois anos depois, tomou uma decisão que mudaria o rumo dos acontecimentos: partiu com a mãe e as duas filhas, Johanna Helena, já com dezessete, e Dorothea Maria, com sete anos, para a vila de Wieuwerd, na província da Frísia³⁷.

1.2 – Sobre o período na Frísia e em Amsterdam

Na província da Frísia, próximo à vila de Wieuwerd, habitavam os labatistas, uma comunidade pietista fundada em 1669 pelo ex-jesuíta e ex-calvinista francês Jean de Labadie (1610-1674). Este grupo, do qual seu meio-irmão Caspar Merian fazia parte, após anos vagando pela Europa, instalou-se em uma casa senhorial chamada Castelo de Waltha³⁸ (figura 9). Essa propriedade havia sido doada ao grupo pelas três ardorosas irmãs convertidas pertencentes à família aristocrática dos Aerssen Van Sommelsdijck.³⁹ Na época do ingresso de Maria Merian, Jean de Labadie já havia morrido e o grupo era conduzido por seu sucessor Pierre Yvon.⁴⁰

³⁴ Reitsma, 12; Davis, 278.

³⁵ Na historiografia que trata dos trabalhos da autora, este conjunto de obras é também nomeado de forma mais simplificada, a saber: “Livro de Lagartas”.

³⁶ Reitsma, 12. Reitsma cita que no diário pessoal, Maria Merian aponta que, logo após a publicação do segundo livro sobre lagartas, passou a coletar mais desses animais para a produção de um terceiro volume do *Raupen*.

³⁷ De 1581 a 1795, as províncias do norte do atual Países Baixos (Frísia, Groninga, Gueldres, Holanda, Overissel, Utrecht e Zelândia) compunham a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos, também conhecida como República Unida dos Países Baixos, Províncias Unidas, República Holandesa ou Estados Gerais. Foi fundada pela União de Utrecht, em 1579, e transformada em República Batava, em 1795.

³⁸ Reitsma, 12.

³⁹ O irmão mais proeminente desta família foi Cornelius van Sommelsdijck, de quem trataremos posteriormente no item sobre o período de Maria Merian no Suriname.

⁴⁰ Davis, 279.

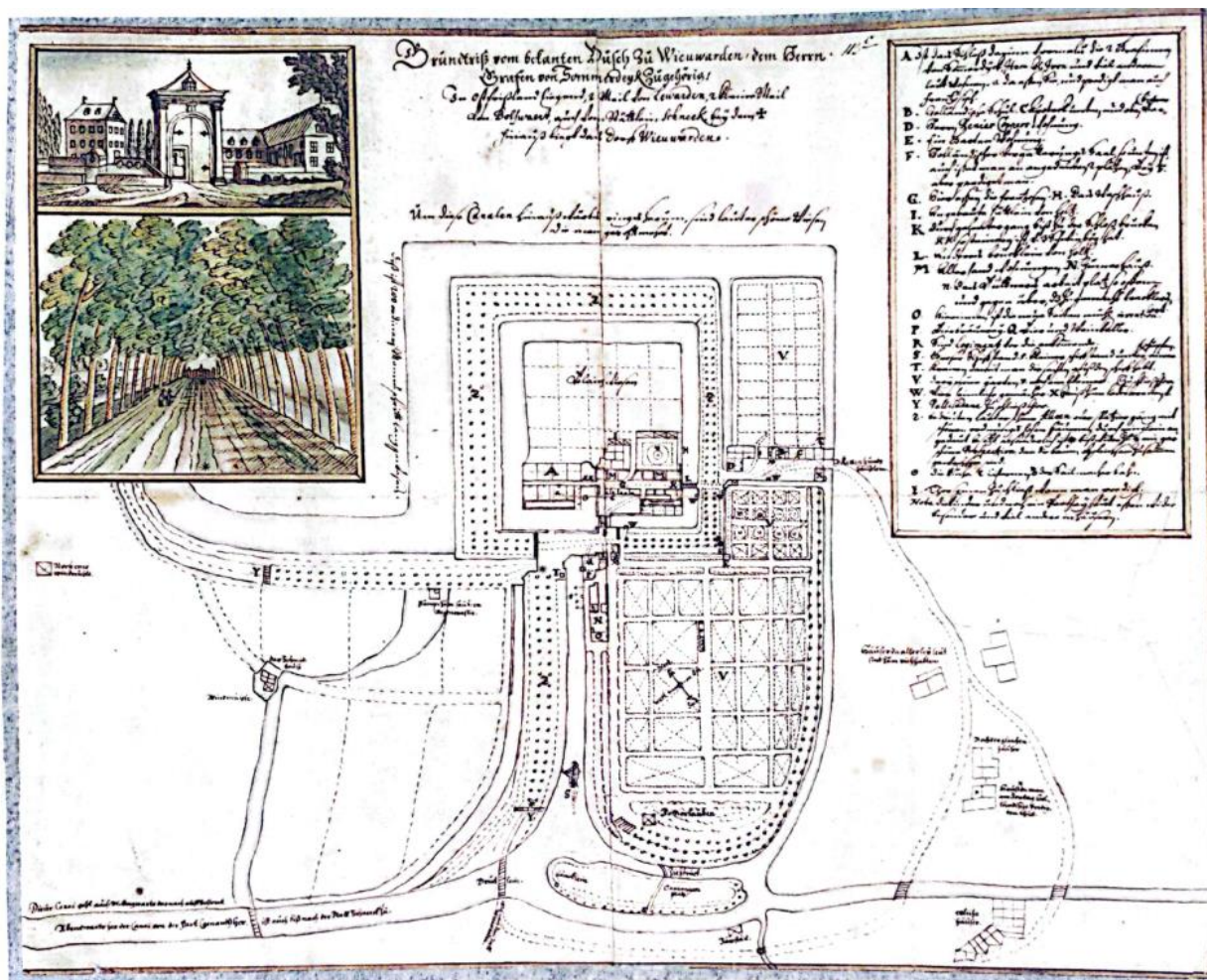


Figura 9 – Johann Andreas Graff, ca. 1686, mapa do Castelo de Waltha, próximo a Wieuwerd.

Ao se juntar à comunidade, Merian deixou o marido para trás. Mesmo Graff⁴¹ ficando nos arredores, realizando alguns serviços e suplicando à esposa e às filhas que voltassem com ele, ela preferiu permanecer no grupo religioso. Por fim, o marido desistiu e voltou a sua cidade natal de Nuremberg. Os labatistas tinham regras específicas para os casamentos: uniões civis não eram reconhecidas e essas cerimônias deveriam ocorrer dentro da comunidade.⁴²

Além disso, casamentos ocorridos entre integrantes do grupo e alguém não labatista, ou com um cônjuge que optasse por não se converter – caso de Graff –,

⁴¹ Reitsma, 13. As únicas imagens que se tem da fachada do Castelo de Waltha e de sua planta foram desenhadas por Graff neste período e estão guardadas nos arquivos da cidade de Nuremberg (figura 9).

⁴² Ibid., 12.

não eram válidos e divórcios por esse motivo eram considerados justificados. Após isso, o esposo ou esposa inconversos poderiam ser considerados como mortos.⁴³ Em 1692, o divórcio do casal foi anunciado⁴⁴.

Para o grupo pietista, a mortificação da carne e a abdicação das vaidades conduziria à purificação da alma perante Deus. Portanto, ocupações artísticas que não fossem ligadas diretamente à glorificação do Senhor eram consideradas uma distração frívola, que desviaria a alma do penitente do caminho do bem. Por esse motivo, consta que à Maria Merian foi negada a autorização para a continuidade de seus trabalhos artísticos.⁴⁵ Mas o ponto de vista em relação aos estudos e pesquisas conduzidos por integrantes podia ser encarado de modo muito diferente pela comunidade.⁴⁶ As pesquisas de Maria Merian nos charcos e arredores do castelo, bem como sua coleta e criação de insetos, puderam prosseguir sem problemas, vindo, inclusive, a interessar-se pelos sapos da região e suas diferentes formas anatômicas a depender da fase de vida. Em seu livro de estudo, há anotações sobre estes animais que datam deste período. Após dissecar uma fêmea, descreveu:

“[...] encontrei nela uma matriz como a que todos os animais possuem (assim, eles não têm os filhotes pela boca como muitos escritores pensaram) e no estômago encontrei tais pequenos animais dos quais a fêmea n. 202 é uma; na matriz encontrei uma quantidade de sementes como as que eram vistas na dita fêmea. Em maio, peguei alguns dos mencionados ovos de sapo que encontrara à beira d’água e desenterrei um pouco da relva nova com terra e a coloquei

⁴³ Ibid., 13; Davis, 156.

⁴⁴ Davis, 151. Davis afirma que, após o rompimento, Graff declarou à Câmara Municipal de Nuremberg que “sua esposa o deixara para viver com os labatistas”, conseguindo o divórcio. Casou-se novamente aos 57 anos, teve um filho e faleceu em sua cidade natal, em 1701.

⁴⁵ Davis, 152-153; Reitsma 12. Segundo Davis, durante a estadia entre os labatistas, Maria Merian, além de cumprir suas obrigações cotidianas, prosseguiu em busca de lagartas e mariposas nas charnecas da Frísia, estendendo suas observações aos sapos e rãs. Possuía um livro em papel branco e, usando molduras em papel azul-cinza, colocou nele uma coleção de aquarelas pequenas com os estudos dos insetos e metamorfoses já realizados anteriormente, acrescidos dos resultados das pesquisas empreendidas na região. Portanto, não eram aquarelas acabadas, apenas estudos sobre os animais dos arredores. Reitsma, por sua vez, afirma que apesar de não ser vista com bons olhos a produção de obras que não remetesse a Deus, déficits financeiros do grupo provavelmente causassem a flexibilização de certas regras impostas aos penitentes. Segundo essa autora, parece provável que um médico da comunidade, chamado para tratar os filhos doentes do rei Christian V (1646-1699) da Dinamarca, teria vendido ao monarca quinze desenhos de Merian feitos ainda em Nuremberg em prol de levantar fundos para o grupo pietista.

⁴⁶ Reitsma, 13. Uma integrante ilustre da comunidade havia sido Anna Maria van Schurman (1607-1678), pintora, estudiosa de línguas e fervorosa advogada do direito das mulheres de estudar e realizar pesquisas, enquanto no “serviço de Deus”. Mesmo tendo falecido sete anos antes da chegada de Maria Merian, Ella Reitsma afirma que a fama e influência de Anna Schurman ainda eram muito presentes entre os labatistas no período em que Merian ingressou no grupo, o que teria ocasionado a falta de objeção quanto ao prosseguimento das pesquisas de nossa autora em relação às observações dos animais.

na tigela, aquei e joguei pão, e fiz isso diariamente; depois de vários dias os pequenos pontinhos negros começaram a mostrar vida e se alimentavam do limo branco que os rodeava; mais tarde cresceram-lhes caudas de modo que podiam nadar na água como um peixe; em meados de maio desenvolveram olhos; 8 dias mais tarde dois pequenos pés irromperam através da pele para a frente; pareciam pequenos crocodilos; depois disso a cauda caiu, e então ficaram verdadeiros sapos e pularam para a terra”.⁴⁷

Após falecimento do irmão Caspar, na primavera de 1686, e de sua mãe, em 1690, Merian e suas filhas mudaram-se para Amsterdam, uma cidade repleta de colecionadores, clientes abastados, admiradores de arte e estudiosos de história natural. Além disso, esta cidade possuía um importante porto que servia como porta de entrada para navios provenientes de colônias distantes⁴⁸ e onde era comum que tripulantes trouxessem os mais variados animais, plantas, objetos tribais, dentre outros itens exóticos aos europeus para serem vendidos no mercado local.⁴⁹

Além disso, a prosperidade econômica da região durante o século XVII, causada pela efervescência financeira e mercantil, fez com que a burguesia consumisse não só itens de luxo, como mobílias caras, tecidos sofisticados e artigos de arte, especialmente pinturas de retratos, paisagens e natureza-morta, mas também encorajou um interesse crescente na investigação de aspectos relativos à história natural, o que ajudou a impulsionar a cultura de publicações de obras com esse tema, o colecionismo e a criação de gabinetes de curiosidades abertos ao público.⁵⁰

Neste contexto colonial, gabinetes de curiosidades foram se tornando cada vez mais comuns na Europa, principalmente entre os séculos XVI e XVII. Eram conhecidos também como Câmaras de Maravilhas ou, em língua germânica, *Kunstund Wunderkammer*, e foram patrocinados, em sua maioria, por casas reais ou burgueses ricos. São basicamente fruto do interesse em conhecer e colecionar itens das mais variadas partes do globo. Dos mais conhecidos, temos os Gabinetes dos Médicis, em Florença; do imperador Rodolfo, em Praga; a coleção do arquiduque Ferdinando, em Viena e a Câmara de Curiosidades do duque Alberto V, da Baviera. Porém, não apenas nobres os possuíam, pessoas menos abastadas também

⁴⁷ Wettengl, *Maria Sibylla Merian*.

⁴⁸ A Companhia das Índias Ocidentais e a Companhia das Índias Orientais já haviam sido fundadas, respectivamente em 1621 e 1602; possuíam o monopólio do comércio dos produtos provenientes das colônias neerlandesas localizadas na América, África e Ásia.

⁴⁹ Reitsma, 13.

⁵⁰ Roemer, “Merian’s Network of Collector-Naturalists”, 19.

poderiam se dedicar a montar tais coleções. O objetivo era, em geral, oportunizar a um público pagante, em um único espaço, uma visão geral do mundo.⁵¹

Diversos relatos de viagem oferecem um panorama de como a cidade de Amsterdam também estava fascinada pelos animais, plantas e objetos de colônias distantes. Um dos que registrou o universo do qual Merian fazia parte foi um aristocrata proveniente de Frankfurt, Zacharias Conrad von Uffenbach (1683-1734). Acompanhado do irmão, realizou uma viagem por diversos países da Europa, dentre eles a República dos Países Baixos.

Ambos passaram por Amsterdam em 1711 e visitaram cerca de setenta residentes da cidade, mais da metade donos de coleções. Muitos destes donos organizavam seus itens de modo especialmente ordenado para garantir a visita de personalidades ilustres. O relato de Uffenbach⁵² deu testemunho de que, em Amsterdam, também era corriqueiro visitar coleções pertencentes a cidadãos das mais variadas camadas sociais: de regentes e acadêmicos ricos até, por exemplo, um curtidor “insolente”.⁵³ Colecionar objetos em Amsterdam era relativamente simples: os objetos trocavam de mãos constantemente e os colecionadores se estimulavam e competiam entre si.

O aspecto da cultura do colecionismo não era o único que fazia de Amsterdam uma cidade atraente para os interesses de Maria Merian. O local oferecia também uma extensa rede de profissionais ligados ao setor de publicações: inúmeros editores, impressores, gravadores, desenhistas e representantes de todos os setores comerciais conectados com a produção de livros⁵⁴. O que, somada à sua tradição nas artes visuais, fazia desta cidade, no fim do século XVII e início do XVIII, um excelente local para a produção de livros de ilustrações de história natural e catálogos de coleções. Estes fatores nos levam a acreditar que existe uma probabilidade relativamente alta de que este ambiente tenha contribuído para que Merian pudesse continuar suas produções já publicadas e desenvolver ainda mais a sua obra.

⁵¹ Raffaini, “Museu Contemporâneo”, 159.

⁵² Zacarias Conrad von Uffenbach publicou, em 1753, uma obra intitulada *Merkwürdige Reisen durch Niedersachsen, Holland und Engelland*, com relatos de suas viagens realizadas pela Europa entre os anos de 1709 e 1711.

⁵³ Roemer, 19.

⁵⁴ Ibid.

Cartas trocadas entre ela e James Petiver (1663-1718)⁵⁵, seu contato na Grã-Bretanha, mostram que ela fazia parte do extenso mercado de troca, compra e venda de espécimes. Apesar da abundância de gabinetes e itens para pesquisa, Maria Merian mostrava-se frustrada. Os animais mortos não podiam fornecer as observações de que ela precisava, já que os aspectos inerentes à sua pesquisa exigiam que estivessem vivos:

“[...] quando fui para a Holanda, eu vi com encantamento os muitos tipos de animais sendo trazidos de ambas as Índias, a Ocidental e a Oriental – especialmente quando eu tive a honra de ser capaz de ver a preciosa coleção do Mais Honorável Sr. Nicolaas Witsen, Burgomestre da Cidade de Amsterdam e Administrador da Companhia das Índias Orientais, etc, bem como a do Honorável Senhor Jonas Witsen, Secretário da mesma cidade. Além disso, vi também a coleção do distinto Senhor Frederik Ruysch, MD Professor do *Anatomes et Botanices* e do Senhor Levinus Vincent e de muitos outros. Nestas coleções eu encontrei estes e incontáveis outros insetos, mas eu não vi sua origem e geração, nem como a lagarta torna-se crisálida e nem como, mais tarde, eles se transformam.”⁵⁶

⁵⁵ Sterns, “James Petiver – Promoter of Natural Science”, 243. Segundo Sterns, James Petiver foi um boticário inglês, membro da *Royal Society* e um colecionador de espécimes que mantinha uma extensa rede de contatos ao redor do globo. De acordo com este autor, a rede abrangia de Moscou até o Cabo da Boa Esperança, passando pelas colônias britânicas no Novo Mundo até as possessões coloniais espanholas nas Filipinas. Muitos dos seus contatos trabalhavam a bordo de navios mercantes e navais.

⁵⁶ Merian, 177.



Figura 9 – Levinus Vincent, 1715. Catálogo do gabinete de curiosidade de Levinus Vincent, *Wondertooneel der natuur*, tomo 1.

Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vincent,_Levinus_\(1715\)_Wondertooneel_der_natuur_-Tome_1-_0030_frontispiece.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vincent,_Levinus_(1715)_Wondertooneel_der_natuur_-Tome_1-_0030_frontispiece.jpg)

Este trecho nos permite supor que seu interesse em investigar a metamorfose de animais provenientes das colônias levou Merian a não se contentar com os animais que já vinham mortos, dissecados, empalhados ou conservados em conhaque. O que possivelmente ajudaria a explicar também sua decisão de empreender, aos 52 anos, uma viagem auto-financiada com a filha mais nova, Dorothea Maria Graff, de Amsterdam para o Suriname, uma colônia pertencente à República dos Países Baixos na época⁵⁷.

⁵⁷ A região que hoje corresponde ao Suriname era habitada por tribos indígenas caraíbas e de ramificações do ramo arauaque. Os primeiros europeus a chegar na região foram os espanhóis, ainda no século XVI. No século XVII, a colônia passou para o domínio dos ingleses. A Grã-Bretanha e a República dos Países Baixos começaram a disputar territórios ultramarinos e rotas comerciais para o Novo Mundo. O Tratado de Breda foi um acordo diplomático assinado entre a República dos Países Baixos e o Reino da Grã-Bretanha, em 31 de julho de 1667, o qual pôs fim à Segunda Guerra Anglo-Holandesa. Nele, entre outros arranjos, ficou determinado que o domínio do Suriname passaria dos ingleses para os neerlandeses. O Suriname só se tornaria independente em 1975.

1.3 – Da temporada de Maria Merian no Suriname

Foi na comunidade labatista da Frísia que Maria Merian entrou em contato com informações, animais e plantas provenientes da colônia do Suriname. Anos antes de sua chegada ao grupo, alguns membros haviam sido enviados à América com o objetivo de converter os povos nativos das colônias. Dois grupos foram levados ao continente americano: um grupo adquiriu terras em Maryland (atualmente um estado dos EUA) e o segundo grupo foi enviado ao Suriname quando esta localidade tornou-se uma opção viável em 1683, no momento em que Cornelis van Sommelsdijk tornou-se co-proprietário desta colônia ao adquirir um terço desta e se tornar seu governador.⁵⁸

A família Sommelsdijk estava intimamente ligada aos labatistas e nos anos seguintes houve um intenso influxo de pietistas à colônia. Cornelis van Sommelsdijk, mesmo não tendo se convertido, concedeu terras em nome de suas irmãs àqueles que estivessem interessados em levar os ideais cristãos aos nativos. A colônia labatista foi chamada de Providência (figura 10)⁵⁹, instalada rio Suriname acima, onde nenhum europeu ainda havia tentado se estabelecer. Quando Maria Merian ingressou no grupo, relatos queixosos há muito haviam chegado à Europa: a natureza era impiedosa e o calor intenso impedia a execução dos trabalhos; os animais eram temíveis – insetos, cobras, mosquitos, formigas –, os nativos eram selvagens e hostis. Além disso, os escravizados, que os labatistas haviam comprado em grande número, recusavam-se a trabalhar.⁶⁰

⁵⁸ Davis, 159. As três cotas foram divididas igualmente entre Cornelis van Sommelsdijk (e seus herdeiros, após a morte deste), a cidade de Amsterdam e a Companhia das Índias Ocidentais.

⁵⁹ A seta vermelha no mapa indica sua localização.

⁶⁰ Davis, 160.



Figura 10 - Alexander de Lavaux, ca. 1737/1758. *Algemeene Kaart van de Colonie of Provincie van Suriname, met de Rivieren, Districten, Ontdekkingen door Militaire Togten, en de Groote der gemeeten Plantagien.*

Fonte: <https://bostonraremaps.com/inventory/dutch-surinam/>

No final de 1686, os colonos começaram a voltar para a Frísia, sendo duramente criticados pela falta de perseverença. Em pouco tempo, ficara evidente que a iniciativa não daria certo. Em 1688, o governador foi morto pelos próprios soldados, amotinados e revoltados com o excesso de trabalhos duros realizados nas fortificações e nos canais de Paramaribo⁶¹ (figura 11) e também contra a

⁶¹ Ibid.

alimentação deficiente. As próprias irmãs de van Sommelsdijk, Lucia⁶² e Maria, voltaram à Waltha.

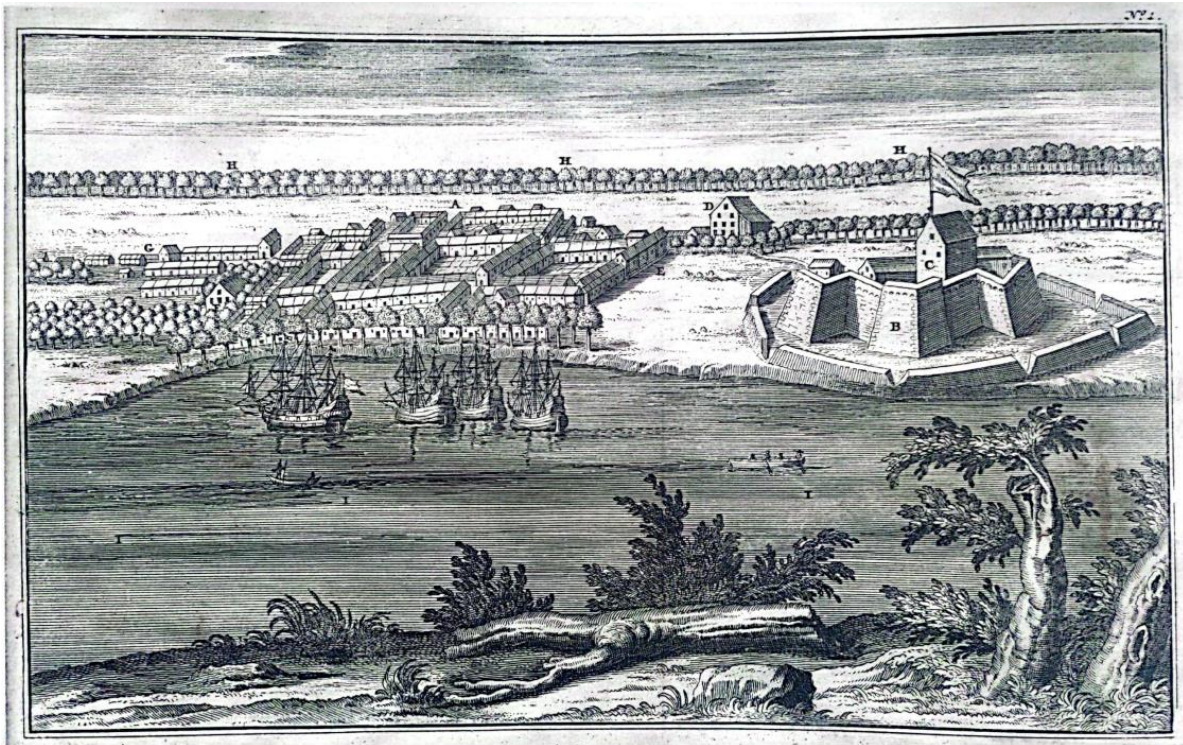


Figura 11 – J. D. Heilein, 1718. Vista de Paramaribo, com o Forte Zelândia à direita.

No ano da chegada de Maria Merian e sua filha ao Suriname, no verão de 1699, a colônia era habitada, principalmente, por indígenas conhecidos dos colonos europeus, sobretudo os arauaques e os que falavam as línguas caraíbas. Escravizados africanos totalizavam aproximadamente 8 mil e eram provenientes da área entre a Guiné e Angola. Entre os europeus, havia neerlandeses protestantes, judeus, imigrantes huguenotes fugindo da perseguição religiosa restaurada após a revogação do Édito de Nantes na França e algumas famílias inglesas que continuaram residindo no Suriname mesmo após a colônia ter passado para o domínio da República dos Países Baixos.⁶³

O açúcar era o único produto de exportação da colônia. Segundo relatos dos colonos do período, o solo surinamense era extremamente rico e propício para a produção de cana-de-açúcar. Às margens dos rios e seus afluentes – a saber: rios

⁶² Ibid., 287. Lucia van Sommelsdijk era irmã do governador e viúva do fundador do grupo Jean de Labadie. Em outubro de 1695, casou-se com o continuador da comunidade em Wieuwerd, Pierre Yvon.

⁶³ Ibid., 160-161.

Suriname, Cottica e Commewijne – estendiam-se aproximadamente duzentos canaviais, casas de moenda e casas de fornalha. Entre março e outubro, navios repletos de barris contendo açúcar mascavo levavam a carga para as refinarias em Amsterdam. Ao retornarem, peixe defumado e outros itens produzidos na Europa eram levados aos colonos. À colônia do Suriname cabia apenas a produção do seu “doce” produto, a ponto da cobrança de impostos a cada membro ou agregado das famílias ser estipulada por quantidade de quilogramas de açúcar.⁶⁴

Ao chegarem, Maria Merian e sua filha Dorothea instalaram-se em uma casa em Paramaribo. Certas relações com famílias da elite provavelmente as ajudaram.⁶⁵ Além disso, Merian obteve alguns escravizados indígenas (comprou ou ganhou) que tiveram um papel fundamental em seus estudos na região. Além de utilizar o próprio jardim da casa em Paramaribo, consta que adentrou a floresta, enviando seus escravizados na frente, machado em punho, para abrirem caminho. Um exemplo da ajuda que recebeu aparece em seu livro sobre o Suriname, anos depois. Nesta obra, reunindo os resultados das pesquisas na colônia⁶⁶, discorreu que, ao encontrar uma planta desconhecida, que murchou ao ser cortada devido a delicadeza de sua constituição, fez seu escravizado indígena arrancá-la pela raiz e replantá-la no jardim.⁶⁷

Visitou, com a filha e os escravizados, as várias propriedades dos europeus ao longo do rio do Suriname. O objetivo era pesquisar diversos tipos de lagartas, borboletas, mariposas e insetos em geral, além das plantas das quais estes animais se alimentavam, chegando, nessa travessia, até a colônia Providência. Mas, apesar de travar contato intenso com os europeus donos de fazendas e agricultores brancos, parece que a maior parte das informações que obteve foi com os escravizados: ameríndios e africanos. Seus relatos posteriores dão testemunho de que não obteve a ajuda que esperava dos colonos europeus, pois o interesse destes residia exclusivamente na lucrativa cana-de-açúcar. Com os escravizados, foi diferente: relatavam os usos das plantas e dos animais da região, indicando seus

⁶⁴ Ibid., 162. Davis explica que o algodão, o café e o cacau foram gêneros que só começaram a ser cultivados nas décadas posteriores a 1720.

⁶⁵ Ibid., 164. Além dos contatos com labatistas na colônia e de visitar diversas propriedades de colonos europeus, Davis firma que a filha do falecido comandante militar, Laurens Verboom, viajaria mais tarde com Merian de volta à Europa.

⁶⁶ Trata-se do livro *Metamorphosis insectorum Surinamensium*. Os relatos da contribuição de indígenas e escravizados negros serão abordados com maiores detalhes no capítulo 2 desta dissertação.

⁶⁷ Merian, 183.

hábitos e, inclusive, apresentando-lhes, por exemplo, larvas que poderiam produzir belas metamorfoses⁶⁸.

O planejamento inicial era permanecer cinco anos no Suriname. Mas o calor intenso a fez abreviar a estadia na colônia. Em junho de 1701, voltou com a filha à Europa, acompanhada de Laurentia Maria Verboom e de sua “índia” (*Indianin*). Foi acompanhada também de uma enorme bagagem contendo material precioso, fruto de sua permanência na região, como borboletas conservadas em conhaque, pinturas em pergaminhos, garrafas contendo animais como cobras, lagartos e ovos de crocodilo, além de bulbos, crisálidas que não se abriram, muitas caixas com insetos prensados. Antes de deixar a colônia, combinou com um habitante local o envio futuro de mais exemplares para comerciar.⁶⁹

Depois de 4 anos de sua chegada a Amsterdam, sua obra prima, *Metamorphosis insectorum Surinamensium*, seria lançada.⁷⁰

1.4 Do seu retorno a Amsterdam e anos finais

Onze anos após seu retorno da colônia, Zacharias Conrad von Uffenbach, durante visita à autora, deixou em anotações datadas de 1711 a impressão que teve de Maria Merian: uma senhorinha de 62 anos, ainda cheia de energia, muito cortês e trabalhadeira.⁷¹ Quando o czar Pedro, o Grande (1672-1725), visitou a cidade, seu médico pessoal Robert Areskin (1677-1719) comprou algumas pinturas da autora para o dignatário russo.⁷²

De volta a Amsterdam, a produção de imagens continuou; mãe e filhas trabalhavam ainda para concluir um terceiro livro sobre lagartas europeias. Não se tem autobiografia ou documentação primária em que Merian fale das filhas. Mas cartas trocadas entre ela e outros estudiosos de história natural, analisadas por pesquisadores atuais de sua obra, dão a entender que Maria Merian coordenava em torno de si uma espécie de empreendimento familiar.⁷³ Alguns exemplos ajudam a

⁶⁸ Davis, 165.

⁶⁹ Ibid., 166.

⁷⁰ Sobre a elaboração e produção do *Metamorphosis insectorum Surinamensium*, vide o capítulo 2 desta dissertação.

⁷¹ Davis, 184.

⁷² Reitsma, 18.

⁷³ Davis, 185.

confirmar essa impressão: em 1702, encarregou o genro Philip Hendriks, casado a esta altura com Dorothea Maria Hendriks, de lhe enviar criaturas provenientes das Índias Orientais para a venda na Europa⁷⁴. Em 1712, incumbiu sua filha mais velha, Johanna Helenna Herold⁷⁵ de fornecer animais nativos do Suriname, já que ela se encontrava nesta colônia naquele ano. Em 1703, determinou que uma das filhas (provavelmente Dorothea Maria Hendriks), a ajudasse na tradução inglesa do *Metamorphosis*⁷⁶. Estas circunstâncias alinham-se a outra, quando se estuda a publicação do terceiro livro sobre lagartas. Apesar de apresentar observações inéditas de Maria Merian – os últimos desenhos em seu caderno de estudos datam de 28 de maio de 1711⁷⁷ –, a obra foi publicada após a morte da autora, em 1717. O nome da filha caçula constava no frontispício da obra como editora (designada por sua mãe) e o texto prometia um apêndice sobre animais surinamenses, estudados pela primogênita, que residia no Suriname.⁷⁸

Todavia, cartas datadas do final de 1712, de James Petiver a Hendrik Ruysch, filho do anatomista Frederik Ruysch (1638-1731)⁷⁹, dão a entender que provavelmente algo não estava bem com Merian. O colecionador inglês reclamava que apesar de tudo estar em ordem, não ouvia mais falar dela. Durante os meses seguintes, continuou a perguntar a Ruysch porque ela não o respondia.⁸⁰ Aparentemente, a saúde da autora estava frágil, mas este fato era mantido em segredo pela família o quanto fosse possível, já que seu nome atraía compradores e o terceiro livro sobre lagartas estava sendo preparado.⁸¹

Ella Reitsma, em seu texto introdutório para a reedição fac-símile do livro do Suriname publicado em 2016, afirma que Maria Merian teria sofrido um derrame em 1715 (apesar de não indicar a fonte dessa informação), vindo a falecer em janeiro de

⁷⁴ Reitsma, 16. Logo após o retorno de mãe e filha a Amsterdam, Dorothea Maria casou-se com o cirurgião Philip Hendricks, de Heidelberg. Segundo Reitsma, o registro dos funerais nos Arquivos da Cidade de Amsterdam indica a morte de um "Philip Hendrickse", vivendo entre as ruas onde mãe e filha moravam. É provável que Dorothea Maria já fosse viúva por volta de 1707.

⁷⁵ A filha mais velha de Maria Sibylla, Johanna Helenna Graff, casou-se com o ex-labatista Jacob Hendrik Herolt, em 1692.

⁷⁶ Davis, 300. Essa autora atesta em seu livro que estas informações estão contidas em cartas trocadas entre Maria Sibylla Merian e Johann Georg Volkamer, datadas de 1702, e James Petiver, datadas de 1703 e 1712.

⁷⁷ Reitsma, 18.

⁷⁸ Davis, 185. Consta que Johanna Helena Herold partiu com o marido Jacob Herold, em 1711, para o Suriname. Na colônia, ele dirigia o orfanato em Paramaribo (administrando os bens deixados pelos pais aos órfãos) e a esposa coletava espécimes para serem enviados e vendidos na Europa, além de estudar e pintar animais e plantas.

⁷⁹ Frederik Ruysch é um dos colecionadores citados por Merian no prefácio do seu livro do Suriname.

⁸⁰ Reitsma, 18.

⁸¹ Ibid.

1717. Antes disso, mesmo com a saúde fragilizada, continuava recebendo visitantes e vendendo suas publicações, como foi o caso do médico do czar russo Robert Areskin. Quem teria intermediado este encontro entre Areskin e Merian teria sido o pintor Georg Gsell (1673-1740) e é dele a única imagem que temos certeza ser de Maria Merian, datada aproximadamente desta época (figura 12).



Figura 12 – Jacobus Houbraken, ca.1712, Maria Sibylla Merian placa de cobre feita a partir de um desenho de Georg Gsell.

Com a morte de Merian, no início de 1717, toda uma sorte de arranjos deveria ser providenciada pela filha Dorothea Maria, a esta altura provavelmente viúva de Hendriks. O terceiro livro de lagartas foi publicado em março de 1717; em setembro, a mesma assinou um contrato com o negociante de livros Johannes Oosterwijk, vendendo-lhe todos os materiais: livros surinamenses e europeus, placas de cobre, letras de impressão, desistindo, inclusive, de todos os direitos sobre o trabalho.⁸²

⁸² Reitsma, 19; Davis, 301. Davis afirma que após a partida de Johanna Helena Graff e Jacob Herold para o Suriname, em 1711, Maria Merian refez seu testamento em outubro do mesmo ano. As filhas ainda seriam co-herdeiras, mas todos os pertences e roupas ficariam para a filha que estivesse morando com ela por ocasião de seu falecimento.

Ainda no outono do mesmo ano, Dorothea Maria casou-se com Georg Gsell⁸³ e o casal partiu para a Rússia. Em abril ou maio de 1718, ambos entraram para o serviço do czar. Ao que consta, trabalharam juntos na coleção de arte do imperador e fundaram uma escola de arte com prensa própria e casa de publicação. Deram aulas na Academia de Ciências e Dorothea Gsell pintou animais e plantas para o gabinete de curiosidades russo. Em 1730, o casal estava em Amsterdam como testemunha de batismo de um membro da família Gsell. É provável que, no período, tenham conseguido adquirir trinta das aquarelas de Maria Merian, as quais foram vendidas para a Academia Russa de Ciências em São Petesburgo.⁸⁴ Possivelmente, pertenceriam ao legado da irmã, falecida em Paramaribo em 1728. Dorothea Maria continuou prestando serviços ao czar mesmo depois da morte do marido, em 1740. Faleceu no verão de 1743.

⁸³ Davis, 186; Reitsma, 19. A bibliografia estudada diverge sobre esse tema. Davis afirma que o enlace teria acontecido no outono de 1717. Reitsma acha provável que o casamento tenha acontecido em São Petesburgo, já que nos registros de Amsterdam não consta o nome do casal.

⁸⁴ Reitsma, 18.

CAPÍTULO 2

Sobre a obra *Metamorphosis insectorum Surinamensium*

2.1 – Da produção do *Metamorphosis insectorum Surinamensium*

No retorno de Maria Merian e sua filha Dorothea Maria a Amsterdam, ambas levaram consigo uma carga preciosa: animais conservados em conhaque ou prensados, caixas com insetos vivos em vários estágios de metamorfose, esboços e estudos feitos durante sua estadia na colônia.⁸⁵ Nos quatro anos seguintes, mãe e filha produziram o livro. No prefácio desta obra, Maria Merian afirmou:

“[...] eu lá [no Suriname], pintei meticulosamente em velino essas sessenta peças da vida [ao vivo] com suas observações, as quais, em adição às criaturas secas, devem ser vistos em minha casa. [...] Quando eu retornei a Holanda e alguns amadores tinham visto minhas peças pintadas, eles me incitaram a imprimi-las e publicá-las, acreditando que este era o trabalho mais notável que já foi pintado na América. Os gastos que tiveram que ser feitos na produção deste trabalho me detiveram no início, mas eu efetivamente resolvi fazê-lo.”⁸⁶

Livros sobre animais ou plantas não eram nenhuma novidade no XVII e eram produzidos há séculos. Imagens e descrições de ambos os temas apareciam já nos bestiários medievais. Esses textos eram manuscritos e as ilustrações eram desenhadas e pintadas à mão (vide um exemplo na figura 13). Após a popularização da prensa no século XV e ao longo do século XVI, as imagens de animais e plantas passaram a ficar ainda mais frequentes em obras que se dedicavam a falar da natureza. Apenas para citar dois exemplos do período, temos: *De historia stirpium*, 1542, de Leonard Fuchs (1501-1566), sobre plantas (figura 14) e *Historia animalium*, 1551, de Conrad Gessner (1516-1565), sobre animais (figura 15).

Apesar da tentativa de alguns autores desse período de representar os animais “da vida”⁸⁷, normalmente os ilustradores tinham acesso apenas a descrições textuais de suas características ou se viam obrigados a procurar por animais

⁸⁵ Mulder & van Delft, apresentação para *Metamorphosis insectorum Surinamensium*, 40.

⁸⁶ Merian, 177.

⁸⁷ Mulder & van Delft, 40. Apesar de ser mais comum que os estudiosos não tivessem acesso aos animais vivos, Mulder e Van Delft comentam que em algumas obras, como por exemplo no livro de Gessner e no *Opera omnia* de Ulisses Aldrovandi (1599-1668), há afirmações de que os animais haviam sido representados “da vida”.

empalhados para poder representá-los. Como nem sempre era possível que o trabalho de taxidermia fosse bem executado, algumas vezes o animal não conservava muito do formato e feição originais.

Nos livros de animais desse período, como é o caso da obra de Gessner e também do *Opera omnia*, de Ulisses Androvandi (1599-1668), o mais comum era que o texto prevalecesse sobre a imagem. Apesar de conter ilustrações, o animal – fosse real ou proveniente do folclore ou de mitos – recebia pouco destaque em si e o foco principal recaia sobre seu lugar na história, sua presença na mitologia e nos provérbios e se era útil ao homem, por exemplo, como alimento ou animal de carga.⁸⁸

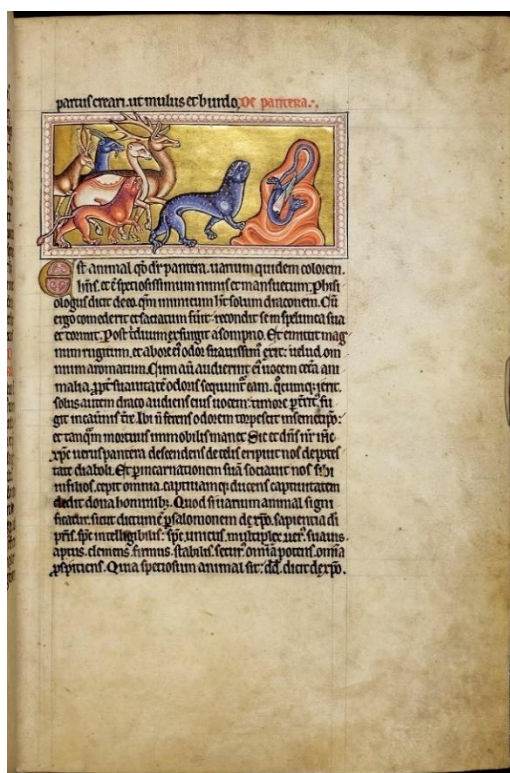


Figura 13 – Autoria desconhecida, ca. 1200, *Liber de bestiarum natura*. Conhecido também como Bestiário de Aberdeen.

⁸⁸ Ibid.



Figura 14 – Leonard Fuchs, 1542, *De historia stirpium*.



Figura 15 – Conrad Gessner, 1551, *Historia animalium*.

A partir da segunda metade do século XVII, tornou-se mais comum a produção de livros de animais com um enfoque diferente. Observações de suas estruturas anatômicas começaram a ter maior relevância nas imagens e no texto; assim, estudos sobre suas reproduções e ciclos de vida ganharam cada vez mais

destaque.⁸⁹ Nessa fase, na qual Maria Merian se inclui, podemos destacar nomes como Joris Hoefnagel (1542-1601), Johannes Goedaert (1617-1668), Jan Swammerdam (1637-1680)⁹⁰, Antoni van Leeuwenhoek (1632-1723)⁹¹, Marcelo Malpighi⁹² (1628-1694), dentre outros.

Dos estudiosos citados, todos realizaram pesquisas utilizando insetos. Esses seres poderiam ser fonte de interesse por diversos motivos. Uma das razões citadas pela bibliografia seria o aspecto religioso⁹³. Dos muitos pontos de vista que ligavam a religião a estes animais, um se referia à ideia de que alguns serviam simbolicamente como alegorias para a trajetória humana na Terra⁹⁴. Além disso, o interesse nos insetos tinha também um caráter muito mais prático: eram abundantes e fáceis de encontrar, podiam ser alimentados por qualquer um, seus ciclos de vida mostravam-se curtos e não necessitavam de espaços grandes para se reproduzir.⁹⁵

2.1.1 - Das etapas da produção do livro sobre o Suriname

Maria Merian afirmou no prefácio do livro do Suriname ter pintado em velino as 60 imagens ainda durante sua estadia na colônia.⁹⁶ Provavelmente essas imagens, suplementadas por suas anotações e rascunhos, além dos animais vivos ou

⁸⁹ Ibid.

⁹⁰ Maria Merian também citou Thomas Mouffet (1553-1604) e Steven Blankaart (1650-1704) no livro sobre o Suriname. Entretanto, esses são pouco comentados pela bibliografia em comparação às citações a Goedaert e Swammerdam. É provável que isso ocorra porque estes dois últimos apresentaram imagens das fases das metamorfoses dos insetos, o que fornece uma base de comparação com os modos de representação de nossa autora.

⁹¹ Antoni van Leeuwenhoek (1632-1723) foi um observador dos insetos utilizando microscópio. Maria Merian o cita em três pranchas de seu livro sobre os insetos do Suriname.

⁹² Davis, 152. Davis afirma que Jan Swammerdam estava na comunidade religiosa de Schleswig e que só publicou sua obra sobre as efeméridas quando recebeu a permissão de sua profetisa Antoinette Bourignon. Por motivos religiosos, teria rasgado suas anotações sobre o bicho-da-seda e enviado seus desenhos para Marcelo Malpighi. É de Malpighi a primeira publicação sobre a metamorfose desse inseto.

⁹³ Davis, 140, 146. Alguns exemplos citados são: Joris Hoefnagel, que em sua obra *Ignis* teria representado cada imagem de seus insetos precedida por uma citação bíblica ou adágio. Maria Merian, que no prefácio de seu *Raupen*, publicado em 1679, escreveu: “essas maravilhosas metamorfoses ocorreram tantas vezes que só nos cabe louvar a inescrutável onipotência de Deus e sua prodigiosa atenção para com criaturinhas tão insignificantes e tão indignas formas voadoras. Assim sou levada a apresentar ao mundo, num livrinho, milagres divinos como esses”. Johannes Goedaert que iniciara sua obra *Metamorphosis naturalis* com citação de passagens bíblicas favoráveis aos insetos. E Jan Swammerdam que, em 1675, teria publicado seu trabalho sobre a efemérida com o título “Uma Figura da Vida Miserável do Homem”, onde apresentaria ilustrações do ciclo de vida desse inseto adicionado de poemas em que comparava o longo estágio larval deste inseto na lama e sua breve idade adulta aos sofrimentos da vida humana.

⁹⁴ Ibid., 140. As moscas representariam a alma pecadora. A lagarta corresponderia à insaciada corpórea, a morte seria o período de crisálida e a borboleta representaria a ressurreição do espírito subindo aos céus.

⁹⁵ Mulder & van Delft, 41.

⁹⁶ Merian, 177.

conservados levados a Amsterdam, serviram de modelo aos gravadores comissionados para produzir as gravações nas placas de cobre. A autora asseverou mesmo ter chamado os “mestres mais famosos”⁹⁷ para elaborar as matrizes das imagens.

Dentre as placas produzidas e assinadas por aqueles que Merian considerava mestres, podemos encontrar: trinta e cinco assinadas por Pieter Sluyter (1675-1713), vinte e uma placas feitas por Joseph Mulder (1658-1742), uma produzida por Daniel Stopendaal (1672-1726) e três sem identificação de autoria⁹⁸. Depois de produzidas as ranhuras, a placa era completamente entintada e, então, limpa com cuidado até que restasse tinta apenas nos sulcos. Um papel ligeiramente úmido era colocado sobre a placa e sobre ambos era deslizado um pesado rolo. Esse tipo de impressão deixava, em geral, a marca das bordas da placa no papel, chamada de marca da placa.⁹⁹

A colorização era outra etapa do processo. Os desenhos eram, em geral, impressos em preto e branco e coloridos a mão individualmente. Em um dos textos introdutórios de autoria de Hans Mulder e Marieke van Delft para a edição facsimilar do livro do Suriname de Maria Merian, ambos explicam que, normalmente, o impressor, depois de produzidas várias cópias em preto e branco da mesma imagem, levava as folhas junto de um exemplo já pintado para um profissional chamado colorista. A função desse profissional era reproduzir as cores seguindo o exemplo. O estudo da bibliografia sobre nossa autora aponta que Merian e as filhas foram as responsáveis, em sua própria oficina, pela pintura das versões coloridas de seu livro, sem a atuação de um colorista.¹⁰⁰

Pesquisas feitas por Ella Reitsma e citadas no texto de Mulder e van Delft indicam grandes variações na qualidade da coloração das ilustrações feitas pela mãe e pelas filhas.¹⁰¹ Além disso, inúmeros compradores setecentistas do livro do Suriname adquiriam as versões em preto e branco e coloriram suas próprias imagens. Se estes tivessem acesso a um original para copiar ou interesse em reproduzir a pintura o mais fielmente possível, esta versão guardaria muita semelhança com a obra

⁹⁷ Ibid.

⁹⁸ Mulder & van Delft, 46. Estas três placas são, em geral, atribuídas a Maria Merian ou à filha Dorothea Maria, mas não há indicação exata disso.

⁹⁹ Ibid., 42.

¹⁰⁰ Ibid., 46.

¹⁰¹ Ibid., 42.

de Maria Merian.¹⁰² Entretanto, sabe-se que versões “corrompidas” acabaram sendo usadas por estudiosos posteriores, o que acarretou críticas sobre o trabalho da autora.¹⁰³

Outra etapa importante do processo de produção do livro incluía o papel. Merian afirmou, no prefácio de seu livro, que para a confecção de sua obra “foi usado o melhor papel para este propósito”¹⁰⁴. Mas a produção do papel no século XVIII era um processo caro e trabalhoso. Panos velhos eram moídos até o estágio de fibras finas que, ao se adicionar água, se transformava numa polpa. Essa polpa era então despejada em um tanque, onde se mergulhava uma peneira emoldurada. Ao retirar a peneira, a água era drenada e restava uma camada de fibra, que viria a se tornar o papel.¹⁰⁵ Mesmo a República dos Países Baixos desenvolvendo tardiamente sua própria indústria papelreira¹⁰⁶, o produto permaneceu um artigo caro, o qual ainda representava o gasto mais oneroso para o impressor.¹⁰⁷

É altamente improvável que Maria Merian tivesse tido sua própria prensa. O valor do maquinário e dos tipos móveis necessários para a formatação do texto era alto. As letras usadas para os dois livros publicados em Amsterdam, tanto o *Metamorphosis insectorum Surinamensium* quanto a versão neerlandesa do livro sobre lagartas eram diferentes, o que indica que a autora teria que ter, no mínimo, dois conjuntos completos de tipos para a confecção das obras. Além disso, assentar os tipos exigia treinamento específico e nada indica que ela ou as filhas tivessem sido capacitadas para isso.¹⁰⁸

2.1.2 - Dos custos de produção e venda do *Metamorphosis insectorum Surinamensium*

Ao final da página título do *Metamorphosis*, Maria Merian informou que o livro poderia ser adquirido, já impresso e colorido, tanto em sua própria casa na Kerkstraat,

¹⁰² Ibid., 43.

¹⁰³ Algumas destas críticas serão discutidas na presente dissertação, no item que tratará sobre a historiografia em torno da obra de Maria Merian.

¹⁰⁴ Merian, 177.

¹⁰⁵ Mulder & van Delft, 44.

¹⁰⁶ Febvre & Martin, *O Aparecimento do Livro*, 94. Os autores explicam que em 1617 a República proibiu a importação de papel originário da França, pois os neerlandeses já haviam criado suas próprias fábricas.

¹⁰⁷ Mulder & van Delft, 44.

¹⁰⁸ Ibid., 45.

quanto com Gerard Valck, no *The Watchdog*, localizado na *Dam Square*.¹⁰⁹ Durante sua confecção, Maria Merian buscou assinantes também em outros países, o que podemos saber devido à troca de correspondência entre a autora e o apotecário James Petiver. Quando a obra estivesse pronta, os assinantes a receberiam finalizada, com desconto. Um anúncio foi colocado em 1703, no *Philosophical Transactions* da *Royal Society of London*, informando aos leitores que a “curiosa pessoa” Maria Merian havia retornado recentemente do Suriname e se propunha a publicar uma “Curiosa História” dos insetos observados nesta localidade das Índias Ocidentais¹¹⁰.

As imagens conteriam suas transmutações e, tanto as figuras quanto o texto, seriam produzidos em grande folio, em papel imperial. A autora propunha um pagamento de trinta xelins¹¹¹ no total: dez pagos em mãos (do apotecário James Petiver, na rua Adersgate, em Londres), mais dez depois de trinta pranchas terem sido confeccionadas e os últimos dez a serem pagos no ato da entrega. Estavam em posse do boticário também algumas pranchas e pigmentos para que fossem apresentados a possíveis interessados.¹¹²

Anúncios também foram colocados nos jornais das cidades de Amsterdam, de Haarlem e de The Hague, em busca de assinantes e compradores. No diário de Uffenbach consta que o livro *Metamorphosis* poderia ser comprado em preto e branco ou colorido por 15 e 45 florins,¹¹³ respectivamente. O diário faz referência a outra versão “pintada”, para a qual seria necessário desembolsar 75 florins. Hans Mulder e Marieke van Delft, em seu artigo “A Produção do *Metamorphosis insectorum Surinamensium*”, afirmam que esta versão “pintada” talvez fosse uma indicação de que seria possível comprar um exemplar do livro produzido através da técnica de contraprova¹¹⁴, apesar de, segundo os autores, ainda não ter se achado exemplar do livro de Merian nem página avulsa produzida através dessa técnica.

¹⁰⁹ Ibid. Todos esses endereços estavam localizados na cidade de Amsterdam.

¹¹⁰ Heard, 25-26.

¹¹¹ Antiga subdivisão monetária da libra esterlina. A libra esterlina é a moeda corrente até hoje no Reino Unido.

¹¹² Heard, 25-26

¹¹³ O florim neerlandês é uma antiga unidade monetária dos Países Baixos. Com a entrada desses na zona do euro, em 1999, o florim foi substituído pelo euro a partir de 2002.

¹¹⁴ Mulder & van Delft, 46. O método da contraprova consistia nas seguintes etapas: após a impressão da imagem na folha de papel ligeiramente úmida, uma nova folha de papel seria colocada sobre a primeira e o pesado rolo seria passado por cima de ambas. A segunda folha, recém “impressa” a partir da primeira, conteria a imagem tal qual a da matriz de cobre e, além de não possuir a marca da placa, conteria um desenho com linhas tão finas e delicadas que, após ser

Mesmo citando homens ilustres em seu prefácio, como Nicolas Witsen (1641-1717) e seu sobrinho Jonas Witsen (1676-1715), Frederik Ruysch (1638-1731) e Levinus Vincent (1658-1727)¹¹⁵, Maria Merian arcou com as despesas de sua viagem e com a produção de sua obra (pelo menos até que recebesse dinheiro dos assinantes) por meios próprios e não dedicou seu trabalho a benfeitores ou ao governo. Pelo contrário, afirmou que seu propósito era dar “prazer e satisfação aos conhecedores de arte assim como aos amantes de insetos e plantas”¹¹⁶, o que indicava que era ao seu público final que oferecia sua obra.

Afirmou em seu prefácio que o formato do livro seguiu o modelo do livro de Anatomia do Professor Bidloo (1649-1713)¹¹⁷, ou seja, o texto ficava em uma página simples, entre duas placas, as quais continham a imagem. Em seu prefácio, ao tratar das descrições, Maria Merian teceu o seguinte comentário:

“[...] eu poderia ter alongado o texto, mas porque o mundo hoje em dia é altamente delicado e as opiniões dos eruditos são dissimilares, eu me limitei simplesmente às minhas observações. Assim, entrego material que qualquer um pode refletir sobre, de acordo com sua própria mente e opinião e aplicá-los como quiserem¹¹⁸.

Nesses mesmos textos, a autora adotou os nomes empregados pelos habitantes do Suriname para as plantas. Porém, no rodapé da página, constava também o nome em latim, quando havia um correspondente nessa língua. Caspar Commelin (1668-1731), responsável pelo Jardim Botânico de Amsterdam, teve a tarefa de indicar - nas breves explicações que apareciam no rodapé de algumas páginas - os nomes em latim que ele e outros estudiosos utilizavam.¹¹⁹

pintada, era quase imperceptível notar que a folha nova provinha de uma cópia impressa. Essa imagem seria então pintada com ainda mais refinamento. Segundo ambos os estudiosos, nenhuma versão do livro a partir da técnica da contraprova ainda foi encontrada.

¹¹⁵ Nicolas Witsen era burgomestre de Amsterdam no período; Frederik Ruysch era médico e anatomista; Levinus Vincent era negociante de tecidos de luxo.

¹¹⁶ Merian, 177.

¹¹⁷ Ibid. Govert Bidloo foi médico, anatomista e cirurgião de Amsterdam. Sua obra citada por Maria Merian é o *Anatomia humani corporis*, publicada em 1685.

¹¹⁸ Ibid.

¹¹⁹ Reitsma, 16.

2.1.3 - Das impressões posteriores do livro

A partir de 1705, o livro sobre os insetos do Suriname estava disponível em latim, para o mercado internacional, e em neerlandês, para a República dos Países Baixos. A autora normalmente escrevia em alemão, tanto em seu diário de estudos quanto em sua correspondência. Da mesma forma que não se tem certeza de quem teria sido o impressor da versão original do *Metamorphosis*, também não se sabe ao certo se Maria Merian teria escrito sua obra diretamente em neerlandês ou se alguém a teria ajudado na passagem do alemão para esta língua. Não há igualmente notícia sobre quem teria traduzido o texto para o latim.¹²⁰ O que se sabe é que, em 28 de setembro de 1717, Dorothea Maria vendeu todo o material de sua mãe, placas e textos, tanto dos insetos do Suriname quanto dos insetos europeus e mais versões já impressas – coloridas ou não – para Johannes Oosterwijk¹²¹.

Ele, aparentemente, não modificou o tipo móvel das versões reeditadas da tradução em neerlandês, porém, para as opções transpostas para o latim, outras letras foram usadas. Além disso, a versão de 1719 ganhou vários outros elementos: uma nova página título, um frontispício de Simon Schijnvoet (1652-1727), um prefácio de Oosterwijk, uma dedicatória para um político da cidade de Amsterdam, uma ode à Maria Merian e 10 novas pranchas não assinadas, as quais o novo editor afirma serem da autora. Especula-se que eram de autoria da filha mais velha, Johanna Helena, que ainda vivia na colônia desde 1711. A suspeita baseia-se no fato de que não há indicação de nenhuma destas novas imagens de animais e plantas no diário de estudos de Maria Merian.¹²²

Após o falecimento de Oosterwijk, Pierre Gosse, impressor de livros e editor de *The Hague*, adquiriu as placas de cobre do livro dos insetos do Suriname e publicou a obra em latim e francês em 1726.¹²³ Em 1730, tanto as placas usadas para o livro sobre insetos europeus (*Raupen*) quanto as usadas para o *Blumenbuch* estavam em posse de Jean Frederic Bernard, um colecionador do trabalho da autora. Ele publicou um livro com a parte textual da obra sobre o Suriname e dos insetos europeus, tanto em neerlandês quanto em francês. O prefácio desta versão foi escrito por Jean Marret (1701-?), que citou as novas ilustrações adicionadas. Porém, para

¹²⁰ Mulder & van Delft, 46.

¹²¹ Ibid.

¹²² Ibid.

¹²³ Ibid.

compô-las, foram usadas as placas de cobre do *Blumenbuch* de Merian, além de insetos copiados do *Metamorphosis naturalis* (1662), de Goedaert.¹²⁴

O último uso de que se tem notícia das placas originais data de 1771, quando estavam na posse de Louis Charles Desnos, em Paris. Ele publicou uma edição em francês da obra de Merian. A partir de então, segundo Mulder e van Delft, as obras de Merian passaram a aparecer em versão fac-símile; inclusive, a versão usada para a presente dissertação, cuja publicação ocorreu em 2016, homenageia os trezentos anos do aniversário de falecimento de Maria Sibylla Merian.¹²⁵

2.2 – Do conteúdo do *Metamorphosis Insectorum Surinamensium*

Maria Merian planejou uma estadia de cinco anos no Suriname, porém, como alegou em seu prefácio: “não encontrei naquele país as condições adequadas para empreender as observações dos insetos que eu tinha imaginado, já que o clima naquele país é muito quente e o calor não concordou comigo”.¹²⁶ Ao final de dois anos, teve de retornar. Da leitura do *Metamorphosis* é possível depreender o quanto Maria Merian parecia interessada em uma extensa gama de assuntos.

Como é de se esperar, o tema principal do livro são as transmutações morfológicas por que passam os insetos surinamenses ao longo do seu ciclo de vida. Ao nos depararmos com o texto, porém, vemos que muitos outros aspectos curiosos se sobressaem. Dentre eles, as muitas análises sobre as plantas. Muitas delas recebem descrições detalhadas de Merian. Em especial, aquelas das quais os escravizados indígenas e negros faziam uso, tanto para a alimentação, quanto para o tratamento de males, incluindo também comentários sobre a confecção de itens de uso doméstico¹²⁷.

Há outra questão que também se destaca. Apesar de aparecer de formas pontuais ao longo de toda a obra, é possível depreender a frustração de Maria Merian diante da falta de interesse dos europeus em outros produtos que não a cana-de-açúcar. O aparente desgosto com que se expressa acerca desse assunto aparece de

¹²⁴ Ibid, 48.

¹²⁵ Ibid. Para essa obra comemorativa publicada em 2016, Patrick Lennon esclareceu que adotou a versão original, de 1705, escrita em neerlandês, para a tradução para a língua inglesa.

¹²⁶ Merian, 177.

¹²⁷ Ao longo das páginas seguintes, será possível observar a contribuição dos indígenas e dos escravizados na obra da autora. Para citar alguns exemplos em que isto corre de modo bastante claro, vide os comentários sobre as pranchas 5, 27, 36 e 48.

formas variadas. Desde declarações explícitas de ter sido alvo de certo escárnio por estudar questões tão distantes da produção do lucrativo “ouro branco”, até comentários mais sutis sobre a falta de industrialidade dos colonos em explorar outros espécimes vegetais potencialmente valiosos e rentáveis.

Não foi possível encontrar livros ou trabalhos acadêmicos, nem desenvolvidos no Brasil, nem escritos em língua inglesa, que dessem destaque específico¹²⁸ aos comentários de Maria Merian sobre o uso das plantas e de alguns outros animais (como répteis e anfíbios) incluídos em suas imagens e descrições. Por esse motivo, a presente dissertação enfoca, nos tópicos que se seguem, estes elementos que aparentemente não recebem tanta importância. Por esse motivo, algumas pranchas da obra sobre o Suriname serão comentadas, outras não. Algumas metamorfoses de insetos também serão citadas devido a características curiosas na composição das imagens, mas outras permanecerão sem serem descritas, justamente por não acrescentarem informação segundo o escopo do presente trabalho.

2.2.1 – De como o tema Alimentação foi tratado na obra sobre o Suriname

a. Pranchas 1 e 2 - abacaxi

A utilização das plantas, especialmente frutos e raízes, é parte fundamental do texto de Maria Merian. Suas duas primeiras pranchas (1 e 2) já mostram o quanto a autora parecia impressionada com certas frutas das áreas tropicais. O abacaxi¹²⁹ é a primeira delas. A descrição deixava claro sua admiração pela “elegância e beleza dessa fruta”¹³⁰ o que, segundo ela, teria feito desta um objeto para extensa pesquisa por diversos estudiosos “tal qual Willen Piso e Marcgrave no seu *História do Brasil*,

¹²⁸ Referências aos comentários textuais de Merian sobre o uso das plantas e animais permeiam, em geral, os trabalhos sobre a autora. Entretanto, são colocados como elementos coadjuvantes em comparação a outros temas tais quais sua biografia, suas habilidades artísticas, sua influência para a posteridade, seu papel na história das mulheres na ciência, dentre outros.

¹²⁹ Em 43 das 60 pranchas da obra sobre o Suriname, foram inseridos comentários de Caspar Commelin sobre as plantas mostradas por Merian. Esse autor indicou certos nomes dados há época para algumas das plantas. Ao fazer isso, não citou apenas seus próprios trabalhos, mas também forneceu denominações adotadas por outros estudiosos. Ao longo do tempo, especialmente após o vasto trabalho de taxonomia liderada por Carl Lineu (com a ajuda de colaboradores), no século XVIII, muitas destas plantas receberam um nome científico. No presente trabalho, para facilitar a compreensão, adotaremos a seguinte estrutura: na primeira menção ao nome da planta dada por Merian, será adicionado entre parênteses algum nome dado à época, quando houver tal referência, citado por Commelin em seus comentários. Em nota de rodapé será incluído o nome científico pós lineano, composto por gênero e espécie fornecido pelo próprio exemplar fac-similar da obra de Merian utilizado para esta dissertação. O nome científico do abacaxi ou ananas é *Ananas comosus*(L.) Merr.

¹³⁰ Merian, 178.

Rheede na décima primeira parte do *Hortus Malabaricus* e Commelin no primeiro volume do *Amsterdam Garden*, assim como por outros.”¹³¹ Na prancha número 2, Merian apresentou o fruto maduro e destacou (assim como fez com outras frutas) as características sensoriais despertadas em quem as provasse: “esta fruta tem gosto de uvas, apricot, groselhas, maçãs e peras misturados [...], que se pode perceber de uma vez. Seu cheiro é adorável e forte”.¹³² Além disso, prosseguiu enfatizando que era possível fermentá-la e destilá-la para fazer, respectivamente, vinho e brandy, ambos de “um sabor delicioso e superam todos os outros”¹³³

b. Pranchas 4 e 5 – mandioca

Outra planta representada em duas pranchas (a de número 4 mostra as folhas; a de número 5, as raízes) é uma velha conhecida do público brasileiro: a mandioca (*Arum*)¹³⁴. Na imagem 4, Maria Merian concentrou-se em explicar o procedimento para plantá-la artificialmente: “para multiplicar essa planta, a haste é cortada em pedaços, cada um no comprimento de uma mão e estes são plantados na terra, assim como é feito com a cana-de-açúcar”¹³⁵. Já a prancha 5 segue acompanhada das instruções do preparo do pão consumido por indígenas e europeus na América, feito a partir de sua raiz.

Essa raiz era então, segundo a autora, ralada e espremida, para que o suco fosse extraído, o qual, segundo sua descrição, seria extremamente venenoso. Esse suco, explicou Merian, se bebido frio por pessoa ou animal, causaria morte em dor extrema. Mas, se consumido após fervura, “é uma bebida muito boa”.¹³⁶ O bagaço resultante desse processo de extração do suco seria, então, espalhado sobre uma chapa de ferro aquecida sob fogo baixo para que o líquido remanescente terminasse de ser evaporado. O produto desse procedimento seria uma espécie de tosta, o qual teria “o mesmo sabor como um bolinho holandês”¹³⁷

¹³¹ Ibid.

¹³² Ibid., 177.

¹³³ Ibid.

¹³⁴ *Manihot esculenta* Crantz

¹³⁵ Merian, 177. Este tipo de explicação aparece também em outras plantas representadas pela autora.

¹³⁶ Ibid.

¹³⁷ Ibid.

c. Pranchas 3 e 14 – graviola

As descrições dos usos culinários permeiam o texto. Da graviola (*Anona Marans*)¹³⁸ (pranchas 3 e 14), lemos sobre sua aparência “similar aos melões”, sobre seu sabor “ácido, como uvas verdes” e sobre sua textura “a carne é branca e macia e tem um sabor agradável”. Essa fruta, pode ser comida cozida ou sem cozimento. Merian também comenta sobre os modos de preparo: se forem levados para o cozimento, não poderiam estar maduros e deveriam levar um pouco de água e açúcar. E termina com o comentário sobre o preparo da bebida: “em Barbados, vinho também é extraído a partir dessa fruta.”¹³⁹

d. Prancha 16 – caju e pranchas 18 e 19 – goiaba

Estrutura semelhante possui a descrição da goiaba (*Guajava albadulcis*)¹⁴⁰ e do caju (*Anacardium occidentale*)¹⁴¹. Na prancha 19, a goiaba recebeu o mesmo tipo de descrição da graviola: “a carne é avermelhada e saborosa para comer, tanto crua assim, quanto cozida [...]. Elas são usadas para *tarts* e alimentos em conserva.”¹⁴². Na prancha 16, Maria Merian explica alguns detalhes do crescimento do caju e dos usos que se podia fazer de sua castanha. Sobre os frutos, a autora destacou o sabor ácido, a característica adstringente, o fato de serem excelentes cozidos e lembrou que, em alguns locais da América, o vinho é feito desse fruto, “tão forte que quem quer que o beba imoderadamente, se tornará bêbado”¹⁴³

Um ponto interessante que se pode destacar sobre a imagem do caju é o modo curioso com que a autora representou os frutos crescidos na parte de baixo da composição. Isso porque, no topo da imagem, vemos os caju se desenvolvendo do modo como acontece na natureza: do galho nasce a parte carnuda e doce, o pedúnculo floral, o qual é na verdade um pseudofruto, e dele a castanha, que é realmente o fruto do cajueiro. O fato da castanha ser realmente o fruto desta planta parece ser algo conhecido já no período, o que foi explicado por Maria Merian no seguinte trecho de sua descrição: “há um crescimento em formato de rim [...] o qual é

¹³⁸ Ibid., 179. *Anona muricata* L.

¹³⁹ Ibid.

¹⁴⁰ *Psidium guajava* L.

¹⁴¹ *Anacardium occidentale* L. Em um dos seus artigos, a estudiosa Marcia Ferraz explica que, diferentemente de outras espécies que parecem ser tipicamente brasileiras, mas não são, há indicações de que o caju seria, de fato, uma planta nativa do Brasil. Ferraz, “Yes, nós temos caju!”, 48.

¹⁴² Merian, 180

¹⁴³ Ibid.

de fato o caju”¹⁴⁴. Mas, na composição da autora, os frutos crescidos que aparecem na parte de baixo da imagem estão dispostos de modo não natural¹⁴⁵ (figura 16). Porque Maria Merian fez essa escolha em sua composição, não fica claro. O que fica evidente é o modo como destaca os usos medicinais que se fazia da castanha – que será visto mais adiante – e a ausência de citações de seus possíveis usos culinários na época.



Figura 16 – Maria Sibylla Merian, 1705, *Metamorphosis insectorum Surinamensium*.

e. Pranchas 12 e 23 – banana

A banana (*Musa serapionis*)¹⁴⁶ é outra fruta representada em duas pranchas no livro de Merian. Enquanto na prancha 12¹⁴⁷, as descrições físicas da fruta e da árvore ganharam destaque, como seu sabor “agradável, como as maçãs têm na Holanda”¹⁴⁸, a cor verde de sua casca, “grossa, como limões”, e seu cacho, composto

¹⁴⁴ Ibid.

¹⁴⁵ Ibid.

¹⁴⁶ *Musa sp.*

¹⁴⁷ Merian, 179.

¹⁴⁸ Ibid., 177.

de “9 a 10 camadas e cada camada de 12 a 14 frutas”; a prancha 23¹⁴⁹ traz a imagem de outro tipo de bananeira. No texto, Merian esclareceu que os habitantes da colônia faziam uso desse segundo tipo de modo diferente, pois produziam uma espécie de vinagre ao acrescentar água e açúcar em seu preparo.

f. Prancha 15 – melancia e prancha 17 – limão-galego

Outras frutas tiveram descrições semelhantes em sua obra. Dessa forma, temos as melancias (*Anguria citrullus*)¹⁵⁰, cuja “a carne é brilhante [...] derrete na boca, como açúcar, é saudável, tem sabor agradável e é refrescante para doença”¹⁵¹; o limão galego¹⁵², de onde se aproveitava a flor e as cascas para a preparação de óleo aromático, cuja fruta era “usada em todos os pratos”¹⁵³

g. Prancha 25 – baunilha

“Fragrantes sementes oleosas”¹⁵⁴ foi a expressão usada pela autora para a baunilha (*Volubilis siliquosa*)¹⁵⁵ representada na prancha 25. Seu crescimento se daria, segundo ela, em estado selvagem, se prendendo firmemente a outras árvores, do mesmo modo que a hera. Assim terminou sua descrição: “Seu uso no chocolate é conhecido”¹⁵⁶, para logo em seguida, na prancha 26, citar o cacauero.

h. Prancha 26 - cacau

Para o cacauero (*Cacau clusii*)¹⁵⁷, a autora explicou como sua casca dura era utilizada para fertilizar a terra, citou a dificuldade de se cultivar tal espécie – já que cresce apenas sob a copa de outras árvores – e comentou o preparo das sementes, que são “secas e endurecidas à sombra, antes delas serem mandadas para outros países”¹⁵⁸. Infelizmente, não mencionou se na colônia havia qualquer tipo de produção de chocolate, ou para onde seriam mandadas as sementes já beneficiadas.

¹⁴⁹ Ibid., 181.

¹⁵⁰ *Citrullus lanatus* (Thunb.).

¹⁵¹ Merian, 180.

¹⁵² *Citrus aurantiifolia* (Christm.)

¹⁵³ Merian, 180.

¹⁵⁴ Ibid., 181.

¹⁵⁵ *Vanilla planifolia* Jacks. ex Andrews

¹⁵⁶ Merian, 181.

¹⁵⁷ *Theobroma cacao* L.

¹⁵⁸ Merian, 181.

i. Prancha 48 – jenipapo e descrição textual da palmeira

O texto da prancha 48 possui uma característica que o torna único no livro: descreve os usos que se fazia da árvore do jenipapo¹⁵⁹, planta de fato representada na imagem. Mas a extração da parte interna e carnuda do caule da palmeira, ou seja, a preparação do palmito¹⁶⁰, também está presente no mesmo texto. Segundo ela, seria muito difícil representar as enormes folhas da palmeira em uma página específica devido ao seu grande tamanho. Por esse motivo, o preparo do palmito é explicado junto da imagem e descrição do jenipapo. Maria Merian assim descreve: “as pessoas lá dizem que ele cresce por quinze anos até que tenha alcançado a maturidade. [...] Eles também cortam o tronco [...] O tronco é cozido como couve-flor. O sabor é melhor do que de coração de alcachofra.”¹⁶¹

No último terço desse texto, Maria Merian explicou como os indígenas locais consumiam os vermes encontrados na palmeira:

“Larvas crescem no tronco desta árvore em um número incontável. No início, são tão pequenas quanto as larvas do queijo, eles então se tornam como aquela mostrada aqui. Eles comem o cerne dessa árvore. Os nativos colocam esses vermes em brasas e os assam e consideram uma iguaria. Desses vermes se desenvolvem tais besouros pretos, como esse mostrado aqui, o qual os índios chamam de *De Moeder der Palmyt-Wormen* [a mãe dos vermes da palmeira]”¹⁶²

2.2.2 – De como o tema do tratamento de males foi abordado na obra sobre o Suriname

a. Prancha 10 – algodão surinamense, prancha 30 – mamona; prancha 32 – mata-pasto

Um dos usos mais comuns que se fazia das plantas em relação ao tema da cura são os tratamentos de feridas. Esse aparece como um tema recorrente na obra de Merian. A autora menciona, na prancha de número 10, a árvore de algodão

¹⁵⁹ *Genipa americana* L.

¹⁶⁰ Como existem alguns tipos diferentes de palmeiras a partir das quais é possível extrair o palmito e como não é possível identificar a qual tipo Merian se refere, não será incluído aqui o nome científico dessa planta.

¹⁶¹ Merian, 185.

¹⁶² *Ibid.*

surinamense (*Xylon arboreum*)¹⁶³, citando o uso dos nativos: “os índios colocam as folhas verdes em feridas recentes para resfriá-las e curá-las”¹⁶⁴. O mesmo ocorre com a planta representada na prancha 32, que traz a imagem do mata-pasto (*Paiomirioba secunda*)¹⁶⁵. Segundo Merian, essa planta era também usada na aplicação de feridas, porque se mostrava benéfica para a cura desse tipo de lesão na pele. A mamoneira (*Ricinus americanus*)¹⁶⁶, representada na prancha 30, era indicada para o mesmo fim. Maria Merian explicou o uso de seus frutos: “a semente é cozida em água. Isso libera o óleo que flutua na água [...] e é usado ali para curar todos os tipos de feridas.”¹⁶⁷

b. Prancha 16 - caju

O uso medicinal da castanha do caju, na prancha 16, aparece apontado por Merian nos seguintes termos: “Seu suco consome pele e carne de modo que se pode usá-la para consertar [colocar no lugar] fontanelas.”¹⁶⁸ Mas, quando esse crescimento [a castanha] é assado é bom para [tratar] diarreia. Ela também expelle vermes”¹⁶⁹.

c. Prancha 38

A prancha 38 (*Ricinus Americanus perennis*)¹⁷⁰ mostra a imagem de uma planta da qual Merian não citou o nome, embora Commelin tenha se referido a ela como *Ricinus Americanus perennis*:

“As folhas verdes são orladas com pequenas fibras verdes cada uma das quais com um pequeno botão. Eles são usados como purgativos e enemas. Eles também são cozidos e a água é dada para beber para aqueles que têm *Beljak* (uma certa doença no país)”¹⁷¹

¹⁶³ *Gossypium barbadense* L.

¹⁶⁴ Merian, 179.

¹⁶⁵ *Senna obtusifolia* L.

¹⁶⁶ *Ricinus communis* L.

¹⁶⁷ Merian, 182.

¹⁶⁸ Fontanelas são popularmente conhecidas como moleira, o espaço membranoso que separa os ossos do crânio dos recém-nascidos. Uma vez que o suco da castanha de caju crua é considerado corrosivo, parece estranho o seu uso em bebês. Infelizmente, Maria Merian não forneceu maiores informações sobre tal procedimento.

¹⁶⁹ Merian, 180.

¹⁷⁰ *Jatropha gossypifolia* L. A partir do nome científico, foi possível encontrar o nome utilizado no nordeste brasileiro, a saber: pinhão-roxo.

¹⁷¹ Merian, 183. Não foi possível determinar de que se trata essa enfermidade. Porém, ao realizar a pesquisa no site da *Integrated Taxonomic Information System – Report* utilizando o nome científico *Jatropha gossypifolia*, identificou-se o nome em inglês para essa espécie, a saber: *bellyache bush*. A tradução de forma literal para a língua portuguesa seria algo como “arbusto de dor de barriga”. Se observarmos a certa semelhança entre os termos *Beljak* e *bellyache* e se lembrarmos que o Suriname foi ocupado pelos ingleses antes do domínio neerlandês, parece possível levantar a suspeita de que talvez *Beljak* possa se tratar de alguma doença cujo sintoma seria dor ou desconforto abdominal. Esta hipótese carece ainda de confirmação e fica em aberto para estudos posteriores.

d. Prancha 48 - jenipapo

No item que trata da cura, a árvore do jenipapo recebe também uma descrição curiosa sobre como os indígenas faziam o uso da fruta dessa espécie:

“A *Tabrouba* [jenipapo] é uma fruta verde, assim chamada pelos indígenas. [...] Eles consideram a fruta venenosa. Se alguém cortar a madeira dessa árvore, uma seiva semelhante a leite escoa. Com essa seiva, os índios esfregam o couro cabeludo quando coçam muito, porque, andando de cabeça descoberta, uma espécie de criatura voadora atira seus ovos, que caindo sobre suas cabeças, se transformam em vermes que causam uma coceira terrível, que [os indígenas] matam e dissipam com essa seiva”.¹⁷²

2.2.3 – De como os usos cotidianos das plantas foram abordados na obra sobre o Suriname

a. Prancha 10 – árvore do algodão surinamense

A leitura do *Metamorphosis insectorum surinamensium* nos mostra como certas espécies eram usadas para resolver questões de ordem prática no dia a dia da colônia. Na prancha 10, na qual figura a imagem de um algodoeiro, Maria Merian explicou o uso de sua fibra pelos nativos: “os índios torcem este algodão, de onde eles fazem redes para dormir”¹⁷³.

b. Prancha 11 – açacurana e prancha 40 - papaia

No campo das construções, tanto a prancha 11, quanto a 40 do livro de Merian também trazem informações sobre esse assunto. Na primeira, a autora prossegue nos seguintes termos:

“Este é o galho da árvore surinamense chamada de *Pallisaden Boom* [¹⁷⁴], o qual é dividido e feito em vigas. Com essas vigas e a ajuda de quatro feixes, aterrados em quatro cantos, casas ou cabanas são feitas na América. Essa árvore produz uma flor amarela espessa e pesada. Quando a flor cai, o galho sobe, o estojo das sementes torna-se como uma vassoura estável. Os habitantes também os usam, ao invés de vassouras.”¹⁷⁵

¹⁷² Ibid., 185.

¹⁷³ Ibid., 179.

¹⁷⁴ *Erythrina fusca* Lour.

¹⁷⁵ Merian, 179.

Na composição da prancha 40, por sua vez, temos a imagem da árvore de papaia (*Papaja orientales*)¹⁷⁶. Em seu texto, Maria Merian explicou seus usos na colônia: “ocos, [os troncos] eles são usados como calhas para pegar a água das chuvas nos telhados”¹⁷⁷

c. Prancha 30 – mamona e prancha 20 - gumbo limbo

Na prancha 30, a autora apresentou a mamoneira e seu óleo extraído da semente, usado não só para curar feridas, mas também como combustível nas lâmpadas para a iluminação no período da noite. Enquanto isso, na prancha 20, a árvore apresentada por Merian foi a *Gummi Gutta Boomen* (em inglês: *gumbo limbo* ou *tourist trees*)¹⁷⁸. O comentário mais interessante sobre essa planta relaciona-se ao uso da seiva da árvore, conhecida por todos aqueles que, segundo Merian, manipulam tinturas, como uma espécie de verniz.

d. Prancha 42 – abelmosco

Na prancha 42, Maria Merian trouxe a imagem do abelmosco (*Ketmia aegyptica*)¹⁷⁹. Explicou que, apesar das flores não possuírem cheiro algum, ao caírem, nascia uma vagem cheia de sementes que recendiam um forte perfume de almíscar. A autora prosseguiu explicando que as jovens amarravam essas sementes em fios de seda e usavam nos braços, como adornos. Além disso, as folhas eram empregadas para engordar os perus jovens.¹⁸⁰

e. Prancha 44 – urucum

Para a pintura corporal que os indígenas faziam, Maria Merian citou tanto o urucum (*Orleana vel orellana*)¹⁸¹ quanto o jenipapo:

“O *Rocu* [urucum] é uma árvore grande. Ela produz uma flor avermelhada [...] quando a flor cai, o estojo de sementes aparece, o qual é oval e espinhoso como a castanha. Nele estão adoráveis sementes vermelhas. Os índios as colocam na água para amolecê-las. Então, o corante vermelho sai e afunda [se acumula] no fundo. Depois, eles gradualmente despejam a água

¹⁷⁶ *Carica papaya* L.

¹⁷⁷ *Ibid.*, 183.

¹⁷⁸ *Bursera simaruba* L. Sarg.

¹⁷⁹ *Abelmoschus moschatus* Medik.

¹⁸⁰ Merian, 184.

¹⁸¹ *Bixa orellana* L.

e secam o corante que permaneceu no fundo. Com isso, pintam todo tipo de imagem em suas peles nuas, o qual constitui seu ornamento”.¹⁸²

f. Prancha 48 - jenipapo

“A *Tabrouba* [jenipapo] é uma fruta verde, assim chamada pelos indígenas. Ela cresce como árvores altas na natureza, produzindo flores verde-esbranquiçadas, as quais são comidas pelos macacos. Quando essas flores caem, aparece um botão redondo dividido, do qual o fruto emerge, cheio de sementes, como figos, mas brancos. Os índios pressionam o suco dela e colocam no sol. Desta maneira, torna-se preto e, com ele, pintam seus corpos nus com toda a sorte de desenhos. Essas decorações permanecem neles por nove dias. Antes desse período, nenhum sabão pode lavá-los. Eles consideram a fruta venenosa”.¹⁸³

g. Prancha 45 – flor pavão

A imagem da prancha 45, a qual mostra a *Flos pavonis*, ou flor pavão (*Tsjetti-mandaru*),¹⁸⁴ é uma das imagens mais comentadas pelos estudiosos desta obra da autora. O fato de ter incluído em seu texto os usos abortivos que indígenas e escravizados negros faziam dessa planta levanta debates. Por um lado, a bibliografia consultada escrita a partir do século XX admira o fato de uma mulher europeia seiscentista ter mencionado tal uso. Por outro lado, essa bibliografia não indica que ela tenha sofrido qualquer tipo de crítica ou censura por sua descrição, nem em seu tempo, nem ao longo do século XIX. Nesse mesmo texto, Maria Merian mencionou, ainda que indiretamente, os sofrimentos infligidos no cativeiro:

“Esta *Flos Pavonis* é uma planta medindo 9 pés de altura. Ela tem flores amarelas e vermelhas. A semente é usada pelas mulheres dando à luz para continuar o trabalho de parto. Os índios, os quais não são bem tratados quando em serviço dos holandeses, a usam para abortar suas crianças, pois não desejam que seus filhos se tornem escravos, como eles. As escravas negras da Guiné e Angola devem ser tratadas com muita amabilidade. Caso contrário, elas não querem filhos em seu estado de escravidão e não terão nenhum. Na verdade, elas algumas vezes inclusive os matam, por causa do severo tratamento infligido a elas, porque elas sentem que eles irão renascer em estado livre no país de seus amigos, como eu ouvi de suas próprias bocas”.¹⁸⁵

¹⁸² Merian, 184.

¹⁸³ Ibid., 185.

¹⁸⁴ *Caesalpinia pulcherrima* (L.) Sw.

¹⁸⁵ Merian, 184.

2.2.4 – De como Merian expressou suas críticas à dimensão econômica da colonização neerlandesa do Suriname

Ao longo do trabalho sobre o Suriname, alguns comentários presentes nos textos relevam o quanto Maria Merian parece ter sido alvo do escárnio de colonos europeus no Suriname. Isso porque a exploração da colônia se dava pela produção exclusiva da cana-de-açúcar e seus textos demonstram a falta de interesse e investimento na exploração, beneficiamento ou comércio de qualquer outro tipo de produto, o que levava os colonos a negligenciar o potencial econômico de diversas outras espécies vegetais. Como a atenção de Merian estava voltada para o estudo de temas considerados irrelevantes para os europeus no Suriname, a falta de apoio conduziu nossa autora a um contato profícuo com os escravizados negros e indígenas da região. O resultado disso é que os conhecimentos expressos em seu texto parecem ser ainda mais autênticos, justamente por terem vindo diretamente de habitantes da região.

a. Prancha 7 – acerola

Sua frustração pode ser percebida na prancha 7, que apresenta a imagem de uma *Amerikaansche Kerschen*, ou seja, a acerola¹⁸⁶. Segundo a autora, não tão saborosa quanto a cereja europeia¹⁸⁷. Além disso, as árvores seriam menores. Na sequência, entretanto, Merian destacou: “esta fruta poderia aparentemente ser cultivada mais perfeitamente se o país fosse habitado por pessoas mais industriosas e menos egoístas”¹⁸⁸

b. Prancha 13 – cajá

Na composição em que aparece a imagem da árvore de uma fruta denominada por Merian de *Amerikaanse Pruimboom*, conhecida no Brasil como cajá¹⁸⁹, a autora voltou a tecer comentários em relação ao modo como os colonos negligenciavam outros cultivos ao se dedicarem exclusivamente à cana: “as frutas

¹⁸⁶ *Malpighia glabra* L.

¹⁸⁷ É possível que Maria Merian tivesse comparado o sabor da acerola ao da cereja, plantas de gêneros diferentes, respectivamente *Malpighia Prum*, devido ao formato do fruto e nome semelhante de ambas, já que a acerola também pode ser conhecida como cereja de barbados, cereja das antilhas, ou, em inglês, *west indian cherry*.

¹⁸⁸ Merian, 179.

¹⁸⁹ *Spondias monbin* L.

ficam penduradas em cachos, mas são selvagens e não enxertadas, porque os europeus nesta região não cultivam nada a não ser cana-de-açúcar”¹⁹⁰

c. Prancha 25 – baunilha e prancha 33 – figueira

O mesmo ocorre na prancha 25 (planta da baunilha) em que a autora esboçou sua frustração nos seguintes termos: “É uma pena que não haja ninguém curioso neste país que esteja interessado em cultivar tais coisas e procure por algo mais, que poderia, sem dúvida, ser encontrado neste país tão vasto e fértil.”¹⁹¹ De modo análogo, temos a figueira¹⁹² da prancha 33, a qual, segundo ela, seria igual às árvores europeias: “agradável e refrescante, muito útil para os habitantes de países quentes”¹⁹³. Também neste texto, Merian reafirmou seu descontentamento: “elas seriam muito abundantes no Suriname se as pessoas apenas quisessem cultivá-las.”¹⁹⁴

d. Prancha 34 - uva

A descrição textual de Maria Merian sobre as videiras¹⁹⁵ deixava claras suas críticas em relação ao modo como era realizada a importação de produtos entre metrópole e colônia:

“As videiras crescem excepcionalmente exuberantes no Suriname, isto é, azuis, verdes e brancas. Quando as vinhas são cortadas e colocadas no solo, suas frutas maduras podem ser apreciadas depois de seis meses, e se fizer isso todos os meses, terá uvas para vinho durante todo o ano. É lamentável que não se encontre aí gente que queria cultivá-las. Ninguém deveria ter de trazer vinho ao Suriname, mas deveriam ser capazes de trazer de lá para a Holanda, já que as uvas poderiam ser colhidas muitas vezes no ano”.¹⁹⁶

e. Prancha 36

Na prancha 36, Merian reproduziu a imagem de uma planta¹⁹⁷ cujo nome e aplicações diz ser desconhecida dos habitantes da terra. Para estudá-la, afirmou ter contado com a ajuda de seu escravizado indígena: “Eu encontrei esta planta na

¹⁹⁰ Merian, 179.

¹⁹¹ Ibid, 181.

¹⁹² *Ficus carica* L.

¹⁹³ Merian, 182.

¹⁹⁴ Ibid.

¹⁹⁵ *Vitis vinífera* L.

¹⁹⁶ Ibid.

¹⁹⁷ *Costus arabicus* L.

floresta e como não se pode cortar nenhuma lá por causa do calor ou elas murchariam imediatamente, mandei meu índio desenterrá-la pela raiz e carregá-la para casa e plantá-la em meu jardim.”¹⁹⁸

Novamente, a autora reafirmou sua frustração em relação aos europeus:

“[...] seu nome e propriedade são desconhecidos no Suriname. As pessoas lá não querem investigar algo assim. De fato, eles zombaram de mim por procurar por alguma coisa ao invés de açúcar no país. Lá, havia muito mais coisas para serem encontradas (em minha opinião) na floresta, se isso fosse acessível”.¹⁹⁹

Outra vez mais, citou a ajuda que teve de seus escravos:

“[...] porque a floresta é tão densamente cultivada [fechada] com cardos e espinhos, eu tive que mandar meus escravos na minha frente com machado para abrir um caminho para mim, para passar por ele [atravessar], o que ainda era muito problemático”.²⁰⁰

2.2.5 – De como Merian compôs e descreveu certos animais no livro sobre o Suriname

a. Prancha 1 - barata

Um dos temas mais interessantes mostrados na prancha 1 liga-se à descrição dos insetos. Se Maria Merian afirma ter começado pelo abacaxi por ser “a mais importante de todas as frutas comestíveis”²⁰¹, o ônus que essa escolha causaria foi trazer na mesma imagem uma praga comum encontrada nessa fruta: a barata²⁰². Segundo a autora, comidas doces seriam sua alimentação natural e, por isso, esse inseto era tão comumente encontrado nessa planta. Os prejuízos causados por ele aos residentes da América seriam enormes: “são os mais notórios insetos na América devido ao grande dano e inconveniências que eles causam a todos os habitantes, estragando toda sua lã, linho, comida e bebida”.²⁰³

¹⁹⁸ Merian, 183.

¹⁹⁹ Ibid.

²⁰⁰ Ibid.

²⁰¹ Ibid., 178.

²⁰² Nesta composição, dois tipos diferentes de baratas foram representados: *Periplaneta australasiae* (Fabricius, 1775) e a *Blatella germanica* (Linnaeus, 1767).

²⁰³ Merian, 178.

Em certo momento da descrição de seu ciclo de vida – ao explicar a fase em que as jovens baratas saem do casulo –, estas se mostram pequenas o suficiente para adentrar as fendas e fechaduras de caixas e armários, causando perdas por onde passavam. É interessante notar o destaque que Merian deu à descrição dos insetos causadores de estragos: em uma prancha posterior apresentaria o relato das formigas²⁰⁴ que, junto das baratas, causavam enormes dores de cabeça aos moradores do Suriname.

b. Prancha 4 - Tegu

Quando se trata de descrever os animais da prancha 4 (onde figuram folhas da mandioca), além das fases da metamorfose de uma borboleta branca, outro importante elemento se destaca: a imagem de um lagarto²⁰⁵ subindo pelo caule (figura 17). Maria Merian comentou em seu texto que o incluiu para adornar a prancha, assim como fez com outros répteis, mas terminou por descrevê-lo pormenorizadamente:

“Eles [tegu] crescem no tamanho de um crocodilo, 10 a 14 pés de comprimento. Vivem de animais mortos, mas não atacam humanos vivos, como os crocodilos fazem. As fêmeas depositam os ovos, para os quais eles fazem um buraco na areia nos bancos dos rios, onde o sol os choca. Os índios comem os ovos, que são tão grandes quanto ovos de peru, mas um pouco mais ovais. Os tegus vivem na terra e na água. Se eles não encontram um animal morto ou peixe, eles comem formigas e moscas.”²⁰⁶

Concluiu a descrição com uma proposta futura: “outro livro inteiro poderia seguir tais animais, se eu vir que este trabalho é apreciado por amadores e vender bem.”²⁰⁷

²⁰⁴ Será apresentada mais adiante, na prancha 18.

²⁰⁵ *Tupinambis teguixin* (Linnaeus, 1758).

²⁰⁶ Merian, 178.

²⁰⁷ Ibid.



Figura 17 – Maria Sibylla Merian, 1705, *Metamorphosis insectorum Surinamensium*.

c. Prancha 5 – lagarta e cobra

A prancha 5 (raiz da mandioca) apresenta uma lagarta²⁰⁸ que a autora citou ser outro inseto causador de grandes problemas aos habitantes da colônia: “esta grande lagarta preta [...] causou muito dano a esta planta no Suriname no meu tempo, devorando campos inteiros, os quais tinham sido plantados para o sustento das pessoas”²⁰⁹. Talvez este estrago poderia ter sido o motivo pelo qual retratou, nesta imagem, as folhas dessa planta muito danificadas pelo animal (figura 18).

Mas, outro animal também se sobressai na composição: a imagem de uma cobra²¹⁰ enrolada no tronco da planta. Merian afirmou mais uma vez ter incluído o

²⁰⁸ *Pseudosphinx tetrio* (Linnaeus, 1771).

²⁰⁹ Merian, 178.

²¹⁰ *Corallus hortulanus hortulanus* (Linnaeus, 1758).

réptil apenas como um elemento decorativo, mas terminou por acrescentar várias características deste animal em seu texto:

“Eu adicionei esta cobra nesta página como uma decoração. Ela está naturalmente enrolada e estranhamente pintada. Sua barriga grande mostra que ela estava carregando ovos, como os ovos que se veem na raiz da mandioca. Eles não têm casca como os ovos de pássaros, mas estão rodeados por uma pele salpicada de azul, como os ovos dos crocodilos e do tegu ou tartaruga, e são ovais”.²¹¹



Figura 18 – Maria Sibylla Merian, 1705, *Metamorphosis insectorum Surinamensium*.

d. Prancha 15 – mariposa

Nesta prancha 15, a autora fez comentários sobre a doçura e a refrescância da fruta, mas é sobre a metamorfose da mariposa que Merian tece os comentários mais interessantes. Ao observar uma curiosa lagarta²¹² de formato quadrangular, azul nas extremidades e verde no centro, a autora esperava que o produto dessa

²¹¹ Merian, 179.

²¹² *Acharia brunna* (Cramer, 1777).

transformação fosse uma maravilhosa criatura. Porém, o resultado deste processo a decepcionou: “eu estava esperando algo pouco usual desta rara lagarta, mas eu fiquei desapontada quando em 10 de agosto de 1700, uma mariposa tão simples emergiu”.²¹³ Concluiu sua descrição com a seguinte observação: “isto aconteceu para mim, mais de uma vez, que a lagarta mais adorável e mais inusual se tornasse a criatura mais simples, enquanto as lagartas mais simples se tornassem as mariposas e borboletas mais adoráveis.”²¹⁴

e. Prancha 18 – vários animais

De todas as pranchas produzidas por Maria Merian em sua obra sobre o Suriname, a prancha 18 (figura 19) é, de fato, uma das que mais geraram repercussão e debates na posteridade.²¹⁵ Isso ocorre porque a autora trouxe nessa imagem um fato curioso: uma aranha²¹⁶ alimentando-se de um pássaro²¹⁷. Nessa prancha, Merian optou por descrever apenas os animais, deixando a descrição da goiabeira presente na imagem para a composição seguinte. Começou por citar as grandes aranhas encontradas nessas árvores. Sua alimentação natural seriam as formigas, informou a autora, mas “se há falta de formigas, elas arrastam passarinhos de seus ninhos e sugam todo o sangue de seu corpo”. A outra aranha²¹⁸ mostrada na imagem, de tamanho menor, possuía característica de carregar “seus ovos em um saco abaixo de seu corpo”²¹⁹

Outra descrição interessante apresentada por Maria Merian é a das formigas²²⁰ do Suriname: “há formigas muito grandes na América, as quais fazem uma árvore inteira ficar careca como vassouras em uma única noite.”²²¹ Os maxilares das formigas são chamados de “dentes em forma de gancho”²²², as quais deslizariam umas sobre as outras, como tesouras, e seriam responsáveis por cortar as folhas das árvores. As pupas destas formigas serviriam de alimento para as galinhas na colônia e

²¹³ Merian, 179.

²¹⁴ Ibid., 180.

²¹⁵ Na presente dissertação, estes debates serão comentados no item que trata da historiografia em torno do trabalho de Maria Merian.

²¹⁶ *Avicularia avicularia* (Linnaeus, 1758). É popularmente conhecida como tarântula de dedo rosa.

²¹⁷ *Topaza pella* (Linnaeus, 1758).

²¹⁸ *Heteropoda venatória* (Linnaeus, 1767).

²¹⁹ Merian, 180.

²²⁰ *Atta cephalotes* (Linnaeus, 1758).

²²¹ Merian, 180.

²²² Ibid.

seriam melhores do que cevada e aveia para este fim. Mas, a descrição mais notável sobre as formigas está em relação as suas habilidades para seguir seu caminho:

“Se elas querem ir a qualquer lugar onde não há caminho ainda, elas fazem uma ponte, ou seja, a primeira se posiciona e morde um pedaço de madeira, a segunda se posiciona atrás da primeira e se agarra nela e, então, a terceira na segunda e a quarta na terceira e assim por diante e elas se deixam assim serem dirigidas pelo vento até que elas tenham sido balançadas para o outro lado. Então, milhares delas atravessam acima da ponte”.²²³

Além disso, Maria Merian destacou como os habitantes do Suriname sofriam com os ataques de formigas

“Estas formigas têm uma inimizade contínua com as aranhas e com todos os insetos do país. Todo ano elas saem de seus porões [ou galerias] uma vez, em incontáveis números. Elas entram nas casas e correm de um cômodo a outro e sugam todas as criaturas grandes e pequenas. Elas são capazes de digerir uma grande aranha em instantes, porque esta é coberta por um tão grande número de formigas que não pode salvar a si mesma. Elas também vão de um cômodo a outro de modo que as pessoas têm de recuar também. Uma vez que a casa inteira foi purgada, elas vão para a adjacente e finalmente voltam para seu porão [galeria]”.²²⁴

Outro animal que recebeu descrições admiradas de Maria Merian foi o beija-flor, vítima da predação da aranha. Ao final, a autora terminou o texto da prancha 18 nos seguintes termos:

“As aranhas capturam os beija-flores em seus ninhos, como já mencionado. [...] Eles põem quatro ovos como outros pássaros e os chocam. Eles voam tão rapidamente. Eles sugam o mel das flores com asas abertas, estacionários como se não se movessem no ar. Eles têm todo tipo de lindas cores, mais bonitas do que um pavão.”²²⁵

²²³ Ibid.

²²⁴ Ibid.

²²⁵ Ibid.



Figura 19 – Maria Sibylla Merian, 1705, *Metamorphosis insectorum Surinamensium*.

f. Prancha 19 – lagarta

A passagem mais citada pela historiografia²²⁶ sobre a prancha 19 trata-se de um comentário que parece corrigir a observação de uma lagarta²²⁷ (figura 20) feita pelo estudioso e microscopista Antonie van Leeuwenhoek:

“[...] eu encontrei muitas destas grandes lagartas acima da árvore a as alimentei com suas folhas. Elas são brancas com listras pretas e têm de cada lado cinquenta miçangas vermelhas brilhantes. Sr Leeuwenhoek acha que elas são olhos, carta 146 página 430 a 452. Até agora, eu não tenho sido capaz de confirmar que são olhos. Por causa disso, na minha opinião, elas deveriam ser capazes de descobrir sua comida de trás e de lado, o que eu não tenho até agora sido capaz de estabelecer, e elas nunca apresentam uma membrana cobrindo os olhos.”²²⁸

²²⁶ Este trecho também é usado pela historiografia para comprovar a excelência e minúcia das observações de Maria Merian em relação aos trabalhos de estudiosos consagrados.

²²⁷ *Megalopyge lanata* (Stoll, 1780).

²²⁸ Merian, 180.



Figura 20 – Maria Sibylla Merian, 1705, *Metamorphosis insectorum Surinamensium*.

g. Prancha 34 – lagarta

Outra prancha que recebe um comentário em relação às observações equivocadas de Leeuwenhoek sobre outra lagarta²²⁹ é a de número 34 (figura 21):

“Elas têm uma mancha preta no segmento traseiro, no meio da qual havia uma pequena pele branca, brilhando como cristal e com cada respiração, subia e descia. Senhor Leeuwenhoek acha que ele observou olhos nas lagartas, mas eu fui incapaz de descobrir algo, embora eu tivesse lagartas grandes. Veja o autor mencionado – carta 146 página 430 a 452”.²³⁰

²²⁹ *Eumorpha labruscae labruscae* (Linnaeus, 1758).

²³⁰ Merian, 182-183.

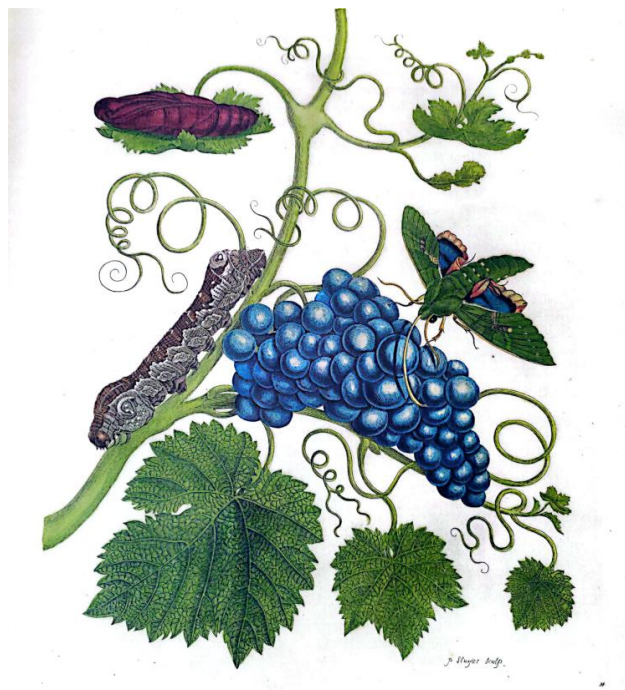


Figura 21 – Maria Sibylla Merian, 1705, *Metamorphosis insectorum Surinamensium*.

h. Prancha 23 - lagarto

Na prancha 23, além de explicar o ciclo de vida da borboleta mostrada na imagem, a autora resolveu incluir um lagarto azul²³¹ (figura 22), seguido de sua descrição:

“É principalmente para embelezar a página que eu estou aqui mostrando o lagarto azul com os ovos. Tinha feito o ninho no chão da minha casa. Havia quatro ovos no ninho, brancos e redondos, como os três que podem ser vistos na haste. Eu os levei comigo no navio em minha jornada para a Holanda. Os jovens lagartos emergiram no mar, tão pequenos quanto aquele que pode ser visto na haste, mas por falta de mãe e de comida, eles morreram”.²³²

²³¹ *Cnemidophorus lemniscatus lemniscatus* (Linnaeus, 1758).

²³² Merian, 181.

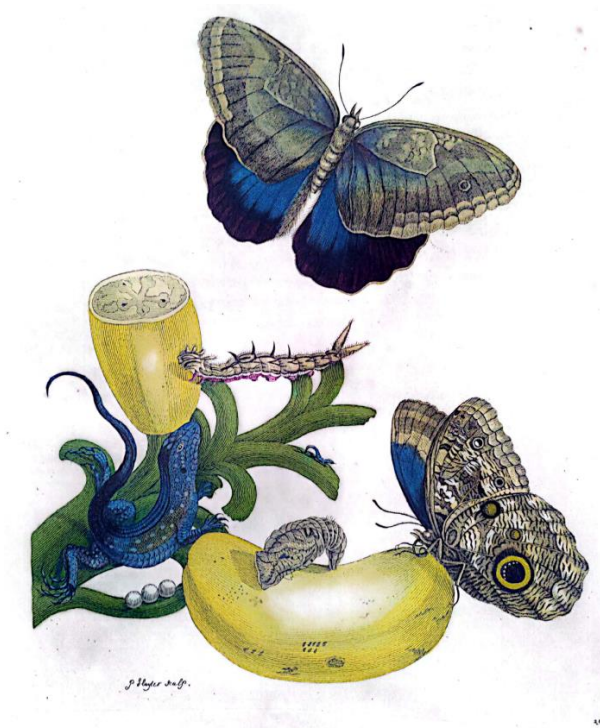


Figura 22 – Maria Sibylla Merian, 1705, *Metamorphosis insectorum Surinamensium*.

i. Prancha 27 – gafanhoto

Nesta prancha, o comentário mais admirável relaciona-se à metamorfose do gafanhoto²³³. A autora mostra na composição um animal adulto que ela mesma diz não ter visto, baseando-se no relato unânime dos habitantes da região:

“A larva agarrada ao caule é laranja. Foi trazida para mim por uma escrava negra, a qual me contou que adoráveis gafanhotos emergiriam dela. Esta mudou para uma bexiga marrom, de onde tal criatura verde emergiria (de acordo com o relato unânime dos habitantes), os quais desenvolveriam gradualmente asas como estas dos gafanhotos voadores. Eu fui incapaz de desenvolver esta observação, porque a pupa redonda morreu. Mas, desde que os outros me asseguraram de ter provas disso por meio de suas experiências, eu não queria passar por cima disto em silêncio, assim, dando a outros amadores a oportunidade de estudar sua certeza”.²³⁴

²³³ *Choeradodis strumaria* (Linnaeus, 1758).

²³⁴ Merian, 181-182.

j. Prancha 56 – barata d'água e sapo

Na composição da prancha 56, Maria Merian trouxe a imagem de dois animais. Um deles, a barata d'água²³⁵ ou conhecido também como escorpião d'água (figura 23), é um inseto surpreendentemente pouco comentado por ela. Apesar da autora tê-lo apresentado alimentando-se de um vertebrado, não forneceu explicação nenhuma sobre esse fato. Porém, descreve com detalhes a metamorfose do sapo²³⁶, indicando ao final do texto que todas as observações já haviam sido feitas por Leeuwenhoek, em 1699, e que todas as informações estavam em conformidade.²³⁷

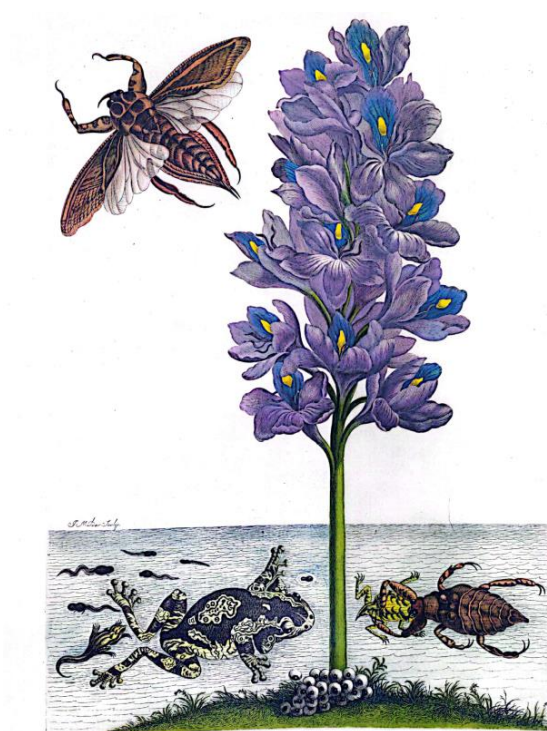


Figura 23 – Maria Sibylla Merian, 1705, *Metamorphosis insectorum Surinamensium*.

²³⁵ *Lethocerus grandis* (Linnaeus, 1758).

²³⁶ *Trachycephalus typhonius* (Linnaeus, 1758).

²³⁷ Merian, 186.

k. Prancha 59 – sapo pipa-pipa

Na prancha 59, Maria Merian trouxe a imagem do curioso sapo pipa-pipa²³⁸ (figura 24). Sua descrição ganhou os seguintes contornos:

“A fêmea carrega seus filhotes nas costas, tendo seu ventre ao longo de suas costas, no qual recebe e cuida dos seus ovos. Uma vez que estes ovos atingiram a maturidade, estes sapos se contorcem para fora da pele, um após o outro, como se saíssem de um ovo. Ao ver isso, eu joguei a mãe no conhaque com seus filhotes remanescentes, dos quais alguns estavam com a cabeça para fora, outros com a metade de seu corpo. Estes sapos eram comidos lá, pelos negros que os consideravam um prato muito bom”.²³⁹



Figura 24 – Maria Sibylla Merian, 1705, *Metamorphosis insectorum Surinamensium*.

²³⁸ *Pipa pipa* (Linnaeus, 1758).

²³⁹ *Ibid.*, 186.

I. Prancha 52 – lagarta

Nesta composição, o elemento que se destaca no texto de Maria Merian, não é a imagem da laranja e o poderoso cheiro de sua flor branca, mas sim uma sugestão para o possível uso do fio produzido pela lagarta²⁴⁰ da imagem:

“Estas lagartas são encontradas frequentemente. Elas se tornam tão gordas que rolam. Elas aparecem três vezes ao ano. Elas geram [produzem] um fio tão forte, que me levam a pensar que seria uma boa seda. Por esse motivo, eu acumulei um pouco e enviei para a Holanda, onde foi considerada boa. Então, se alguém quiser ter o trabalho de colecionar estas lagartas, elas poderiam produzir boa seda e fazer um grande lucro.”²⁴¹

Em resumo, vale lembrar uma vez mais que, na obra *Metamorphosis*, Maria Merian apresentava uma enorme gama de informações colhidas ao longo dos dois anos de sua estadia na colônia. Assim, mesmo que as transformações dos insetos fossem o escopo de seu trabalho, muitos dados valiosos sobre o cotidiano da colônia foram colocados em relevo. Além disso, percebe-se também que o desdém dos colonos, de que foi vítima em relação às suas pesquisas, aproximou-a dos indígenas e escravizados negros, ou seja, pessoas que conheciam a fundo aquelas terras. Igualmente, o fato de sua viagem ter sido patrocinada por ela própria – e por mais ninguém –, talvez ajude a melhor entender a liberdade com que fez suas escolhas de composição das imagens, seus comentários em relação aos conhecimentos locais e suas críticas aos colonos europeus.

2.3 – Da historiografia sobre o livro sobre o Suriname

2.3.1 – Da historiografia durante os séculos XVIII E XIX

Ao longo do século XVIII Maria Sibylla Merian foi considerada uma grande estudiosa e uma fonte confiável de informação sobre os animais apresentados em seu livro sobre o Suriname. Um dos exemplos usualmente utilizados pela bibliografia para demonstrar seu sucesso foi a quantidade de vezes (130 no total) em que foi citada por Carolus Linnaeus no seu sistema taxonômico de história natural²⁴². Porém, já no final do século XVIII, seu trabalho começou a passar por “correções”, apesar de alguns

²⁴⁰ *Rotschildia aurota aurota* (Cramer, 1775)

²⁴¹ *Ibid.*, 185

²⁴² Heard, 30.

destes comentários questionadores do trabalho de Merian terem recebido críticas também. Um exemplo foi o caso do revisor que, escrevendo para o *British Critics*, saiu em defesa de Maria Merian quando John Gabriel Stedman²⁴³ (1744-1797) “melhorou” algumas de suas pranchas, em 1796.²⁴⁴

No entanto, das críticas mais contundentes que podemos mencionar, as inúmeras “correções” do reverendo Lansdown Guilding (1797-1831) ganham ênfase. Nascido na ilha de São Vicente²⁴⁵, mudou-se com a família para a Inglaterra e retornou à ilha caribenha no Natal de 1817. Além de reverendo, era gravador e estudioso de História Natural. Seu artigo “Observations on the Work of Maria Sibylla Merian on the Insects of Surinam”, publicado em 1834 no *Magazine of Natural History*, reúne diversos julgamentos ao trabalho da estudiosa, destacando principalmente erros quanto ao uso das cores.

Um dos principais exemplos se dá em relação à prancha 13 (figura 25): a “fruta deveria ter sido amarela”²⁴⁶, declarou enfaticamente o religioso. Essa afirmação, em verdade, revela-se bastante curiosa se notarmos que, no próprio texto de Maria Merian sobre a imagem, encontramos a seguinte passagem: “esta fruta é adstringente e transpiratória e o suor que é causado por ela é tão amarelo quanto a fruta em si”²⁴⁷.

²⁴³ John Gabriel Stedman foi um holandês que se tornou soldado na Escócia. Enviado ao Suriname, terminou por escrever *The Narrative of a Five Years Expedition Against the Revolted Negroes of Surinam* (1796).

²⁴⁴ Heard, 30.

²⁴⁵ São Vicente é uma ilha que faz parte da região do Caribe. Esta região é composta atualmente por 13 estados soberanos (insulares e continentais) e 17 protetorados ou territórios dependentes de outros países, por exemplo, Porto Rico (EUA), Ilhas Cayman (Grã-bretanha), Martinica (França).

²⁴⁶ Guilding, “*Observations on the Work*”, 360.

²⁴⁷ Merian, 179.



Figura 25 – Maria Sibylla Merian, 1705, *Metamorphosis insectorum Surinamensium*

Além disso, o reverendo salientou que “com tais exemplos de descuido e negligência diante disso, devemos receber com cautela as afirmações mais improváveis em seu diário sobre a metamorfose das produções do Suriname.”²⁴⁸ Mesmo nunca tendo colocado os pés em nenhum país continental da América do Sul, ele continuava apontando erros de representação nos insetos – se não havia problemas nas cores, Guilding insinuava falhas em animais que, aparentemente, nunca viu antes: “a antena parece fictícia”²⁴⁹. O que Guilding não sabia era que estava analisando uma cópia corrompida do livro do Suriname de Merian, datada de 1726. No trabalho original, as cores estão corretas.²⁵⁰

Conforme indicado, muito da obra de Merian foi modificado em diversas edições posteriores – gravadores ou pintores não tinham acesso ou não reproduziam corretamente as imagens ou cores. Outros problemas ocorreram com a tradução dos textos. Exemplo disso aparece em uma prancha do livro sobre o Suriname em que a autora descreveu a seiva que escorre da árvore representada. Merian não trouxe o

²⁴⁸ Ibid.

²⁴⁹ Valiant, “Maria Sibylla Merian”, 475.

²⁵⁰ Ibid.

nome da árvore. Porém, quando o texto chegou à França, incorretamente chamaram de árvore da borracha.²⁵¹

Algumas vezes, as análises eram feitas a partir de críticos da obra de Maria Merian e, naturalmente, certos equívocos se propagavam. Foi o caso de James Duncan que, em 1836, publicou na *W. Jardine's Naturalists' Library* uma obra baseada no trabalho do reverendo Guilding. Porém, Duncan devia ter imaginado que o “artigo” de Guilding continha sérios problemas, pois o próprio Duncan estava de posse de outra versão corrompida do livro de Merian, que não correspondia às descrições do artigo de Guilding.²⁵²

Outra questão interessante girou em torno especificamente da prancha 18 do livro sobre o Suriname. Willian S. MacLeay, em um estudo enviado à *London Zoological Society*, em 1834, criticou esta imagem na qual a autora havia representado a aranha comendo o pássaro (figura 19). Para ele, a cena desse comportamento predatório havia se originado com Merian, já que nenhum outro autor – os citados por ele são Gonzalo F. de Oviedo (1478-1557), Jean- Baptiste Labat (1663-1738) e Charles de Rochefort (1605-1683) – havia mencionado tal hábito. Apesar dos dois últimos não terem ido além da afirmação de que nas Bermudas existiria uma aranha capaz de preparar redes de construção tão fortes que enredariam pequenos pássaros²⁵³. Sua conclusão da impossibilidade dessa cena girou em torno de dois fatos: esse tipo de aranha não produziria teia e o beija-flor vivia na parte alta das árvores, junto aos galhos, enquanto esse tipo de aranha residiria em tocas subterrâneas. Concluiu sua análise com os resultados de seus testes: quando um beija-flor e um lagarto papa-vento foram colocados na toca de uma aranha do mesmo tipo, a predadora além de não os ter comido, terminou por abandonar seu abrigo.²⁵⁴

Apesar das críticas, principalmente em relação à imagem da aranha comedora de pássaros, havia quem tivesse, ainda no século XIX, realmente presenciado uma cena parecida com a retratada na controversa prancha 18, dessa vez, na floresta amazônica brasileira. O naturalista Henry Walter Bates (1825-1892)²⁵⁵, no seu livro *The Naturalist on the River Amazons*, publicado em 1892, descreveu uma

²⁵¹ Ibid.

²⁵² Ibid.

²⁵³ MacLeay, “Remarks Tending to Illustrate the Natural History”, 11.

²⁵⁴ Ibid., 12

²⁵⁵ Henry Walter Bates foi um explorador inglês que, junto de Alfred Russel Wallace, empreendeu uma viagem à Amazônia com o objetivo de enviar espécimes zoológicas e botânicas para a Grã-Bretanha.

grande aranha peluda, do gênero *Mygale*²⁵⁶. O animal estava em uma fenda profunda de uma árvore onde se estendia uma teia branca. Segundo o naturalista, a parte inferior dessa teia foi quebrada e avistou dois pássaros tentilhões emaranhados nela. Um estava morto e, no outro, havia uma mancha que havia sido expelida pela aranha. Na descrição do autor: “O fato de espécies de *Mygale* saírem à noite, subindo em árvores e sugando os ovos e filhotes de beija-flores foi registrado há muito tempo por Madame Merian e Palisot de Beauvois; mas, na ausência de qualquer confirmação, ficou desacreditado.”²⁵⁷

Para Henry Bates, a forma como a cena havia sido descrita no trabalho de Merian indicaria que esta teria sido apenas derivada do relato dos indígenas, portanto, não teria sido testemunhado pela autora. Ainda no livro *The Naturalist on the River Amazons*, o autor afirmou que o próprio conde Langsdorff (1774-1852)²⁵⁸, em sua obra *Expedição ao Interior do Brasil*, asseverou não acreditar totalmente na história.²⁵⁹

Muitas dessas críticas se disseminaram até o início do século XX. Foi apenas nos últimos 40 anos que Merian voltou a receber algum destaque. Esse movimento deve-se muito mais à valorização de trabalhos femininos nas artes e nas ciências, ou seja, aos estudos de gênero, do que às suas contribuições para o estudo dos insetos. Por isso, não é de se estranhar que sua obra esteja muito mais presente em livros que se devotam ao trabalho de mulheres do que em obras que lidem com obras científicas, tais como zoologia ou botânica, apenas para citar dois exemplos.

2.3.2–Da historiografia contemporânea

Como Sharon Valiant deixa claro em seu artigo “*Maria Sibylla Merian: Recovering an Eighteenth-Century Legend*”, de 1993, os danos e críticas do XIX foram contundentes e continuaram a se propagar no século seguinte. Para ela, os escritores do século XX continuaram a validar os comentários do século XIX. Um deles teria sido Martyn Rix, que em seu *The Art of the Plant World*, de 1981, que afirmaria que o livro sobre os insetos do Suriname possui um estilo particular, com insetos e aranhas

²⁵⁶ Na atualidade, o termo *Mygalomorphae* representa uma subordem de aranhas, cuja representante mais conhecida é a caranguejeira.

²⁵⁷ Bates, *The Naturalist on the river Amazons*, 161.

²⁵⁸ Georg Heinrich von Langsdorff foi um médico, naturalista e explorador. Nasceu no Ducado de Nassau e naturalizou-se russo. Realizou diversas viagens ao Brasil, colecionando espécimes e realizando pesquisas acerca de história natural. Em 1821, então cônsul da Rússia no Rio de Janeiro, Langsdorff empreendeu, com apoio do czar Alexandre I e de autoridades do Brasil, uma expedição de reconhecimento ao interior do país, a qual durou 8 anos.

²⁵⁹ Bates, 161.

“estranhos e às vezes míticos”. Outro exemplo seria o *The Art of Botanical Illustration*, de 1950, de Wilfred Blunt, livro que, de acordo com a autora, é usado como referência para a maioria das informações americanas e que teria sido extraído dos textos do século XIX.²⁶⁰

No entanto, se a historiografia do XIX preocupou-se em evidenciar os erros encontrados na obra de Maria Sibylla Merian, a ponto de influenciar as opiniões da posteridade, os estudos dos anos 80 e 90 do século XX começaram a mudar essa perspectiva para uma direção diametralmente oposta. Agora, Maria Merian é apresentada como uma mulher “cientista, artista, exploradora”²⁶¹, um “indivíduo singular que estabeleceu muitos dos fundamentos da zoologia moderna”.²⁶²

Neste grupo, temos vários estudiosos. A presente dissertação, porém, se concentrará em duas autoras: Sharon Valiant e Kay Etheridge, devido a quase onipresença de seus artigos e obras na bibliografia sobre o tema. Além disso, elas desenvolveram ideias sobre Maria Sibylla Merian que parecem ter influenciado obras posteriores, tanto acadêmicas quanto aquelas destinadas ao público em geral.

Sharon Valiant publicou um artigo-resenha ²⁶³em 1993, cujo tema era as três obras que tratavam de assuntos relativos aos estudos de Merian: *Schmetterlinge, Kafer und Andere Insekten*, de 1976, que conteria, inclusive, o diário de estudos de Merian; a obra *Leningrad Watercolors*, de 1974 e *Maria Sibylla Merian in Surinam*, lançado em 1980.

Uma das características deste artigo parece ser o modo como Sharon Valiant se utiliza de obras das décadas de 70 e 80 do século XX, juntamente com o próprio *Metamorphosis insectorum Surinamensium*, de 1705, para criar uma argumentação que nos leva a acreditar no pioneirismo precoce de Merian. Isto se daria não só em relação à descoberta do ciclo de vida do bicho-da-seda, mas também quanto às suas observações que refutariam a hipótese da geração espontânea.

Tendo em vista que, em 1669, Marcelo Malpighi publicou a descoberta europeia da metamorfose desse inseto, Valiant afirmou que a observação de Merian teria ocorrido por acidente, sendo registrada como a primeira entrada no seu diário de

²⁶⁰ Valiant, 476.

²⁶¹ Ibid., 467.

²⁶² Ibid., 479.

²⁶³ Este artigo de Sharon Valiant tem por objetivo comentar três publicações sobre a obra de Merian: *Leningrad Watercolors*, de 1974, de Ernst Ullman, que reúne sua obra presente em São Petesburgo; *Schmetterlinge, Kafer und Andere Insekten*, de 1976, de Wolf-Dietrich Beer, que apresenta o diário de Maria Meriane *Maria Sibylla Merian in Surinam*, lançado em 1980, de Elisabeth Rucker and William T. Stearn, segundo Valiant, primeira tradução em língua inglesa do Livro sobre o Suriname.

estudos, já no ano de 1660. Ou seja, Maria Merian, aos 13 anos, teria feito essa descoberta, quase uma década antes de Malpighi. No mesmo ano de 1660, teria chamado seus estudos de “meu primeiro empreendimento”, expressão usada por Valiant para confirmar a intencionalidade dos estudos de nossa autora. As referências à presença de ovos, as quais, segundo Valiant, começam nas primeiras entradas e permeiam todo o diário de estudos, seriam outra evidência do pioneirismo de Maria Merian, já que Francesco Redi²⁶⁴(1626-1697) só teria publicado os resultados de seus experimentos muito tempo depois, em 1668.²⁶⁵

Outra estudiosa contemporânea que segue a mesma linha em busca do pioneirismo é Kay Etheridge. No artigo “Maria Sibylla Merian: the First Ecologist?”, teorizou como a representação imagética e a descrição textual únicas de Merian, teriam influenciado estudiosos posteriores. Apesar de uma tímida nota de rodapé onde cita que antes do XIX os termos ciência e ecologia, usados com frequência em seu artigo, não eram utilizados no sentido que temos hoje, mas que foram aplicados em seu texto para simplificar o entendimento, a análise restante mistura conceitos biológicos contemporâneos com a obra seiscentista de Merian²⁶⁶.

A bem da verdade, a ideia que liga Maria Merian à ecologia não nasceu com Etheridge. Está presente já em obras como *Chrysalis, Maria Sibylla Merian and the Secrets of Metamorphosis*, de Kim Todd, publicado em 2007. Nesse livro, é possível observar trechos tais como: “ele [Mark Catesby] incorporou o estilo ecológico de Merian”²⁶⁷. Mas a partir de Etheridge, esse tipo de associação parece assumir um caráter muito mais definitivo. Para ela, seria um indício claro do pioneirismo da estudiosa a forma como representou os vários estágios de vida do mesmo inseto junto da planta hospedeira, deixando claro, quando aplicável, se o animal se alimentava exclusivamente de uma única planta (o termo contemporâneo usado por Etheridge é animal especialista); as muitas vezes que concebeu imagens com outros insetos que se alimentam do mesmo vegetal; as diferentes posturas; as diversidades morfológicas entre macho e fêmea (quando aplicável).

²⁶⁴ Francesco Redi teceu observações utilizando frascos cobertos (alguns vedados, outros fechados com gaze) e destampados para verificar se a carne em putrefação dentro deles seria capaz de gerar espontaneamente larvas de moscas. Os resultados de suas pesquisas indicaram que estas seriam provenientes da eclosão dos ovos depositados por indivíduos adultos e não eram provenientes da carne em decomposição, ou seja, não eram fruto de geração espontânea.

²⁶⁵ Valiant, 469.

²⁶⁶ Etheridge, 31.

²⁶⁷ Todd, *Chrysalis*, 236.

Para Etheridge, o modo de composição das imagens em Merian exerceram grande influência em autores posteriores, devido ao sucesso de suas obras no século XVIII e a grande quantidade de reedições de seus volumes. Mesmo que alguns indícios pareçam superficiais, como por exemplo: “embora seja difícil traçar os caminhos precisos da influência em um período em que a atribuição não era obrigatória ou mesmo comum, várias linhas de evidências apontam para os efeitos das imagens de Merian no trabalho de outros”²⁶⁸. Ou seja, para ela, muitos naturalistas posteriores copiaram imagens das obras de Merian, citando ou não suas fontes. Um dos exemplos é o próprio James Petiver que, ao menos, faz referência à autora em sua obra *Opera Historiam Naturalem Spectantia*, de 1767. Segundo Etheridge, um grande número de imagens de animais provenientes das obras de Merian aparece nesse trabalho de Petiver, mesmo que ele os tivesse tirado do contexto ao qual faziam parte para servirem aos propósitos classificatórios deste autor (figura 26). Outros, como Bernard Germain Étienne de La Ville, conde Lacépède (1756-1825), fizeram o mesmo em suas enciclopédias, porém não teriam citado Merian.²⁶⁹

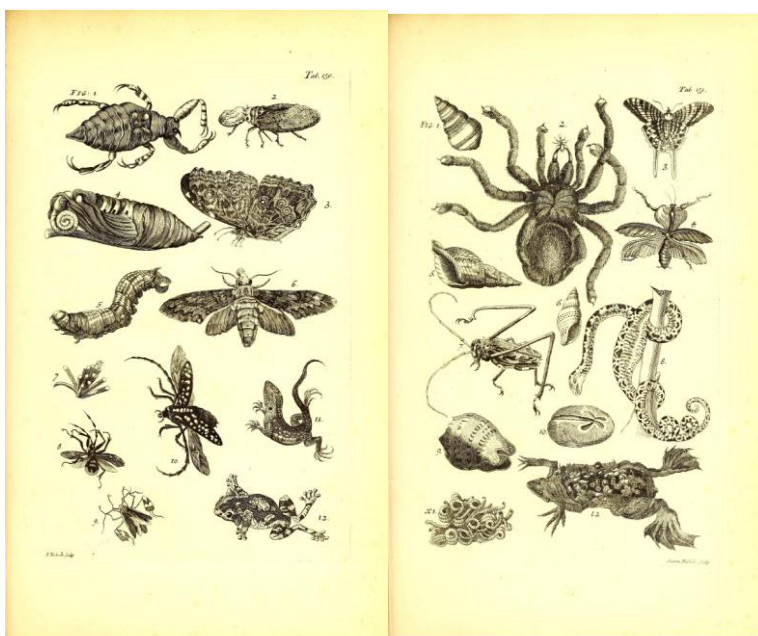


Figura 26 – James Petiver, 1767, *Opera Historiam Naturalem Spectantia*.

²⁶⁸ Etheridge, 40.

²⁶⁹ Ibid., 41.

Mas o argumento de Etheridge baseia-se principalmente na defesa de outro tipo de influência. Para ela, mais do que simplesmente copiar as imagens, muitos estudiosos passaram a utilizar o estilo de Merian como modelo. Ou seja, a partir de Maria Merian começaram a colocar os ciclos de vida dos insetos junto da planta hospedeira ou a descrever interações predatórias. Para isso, Etheridge menciona vários exemplos de estudiosos que, de fato, tiveram contato com a obra de Merian. Alguns deles são Eleazar Albin (ca. 1690-1742), em sua obra *Natural History of English Insects* (vide a semelhança entre as borboletas nas figuras 27 e 28); René Ferchault de Réaumur (1683-1757), em sua obra de seis volumes *Mémoires pour Servir à l'Histoire des Insectes*; August Rosel von Rosenhof (1705-1759), em seu *Insecten-Belustigungen*; Mark Catesby, em *Natural History of Carolina, Florida and the Bahama Islands*, dentre outros.

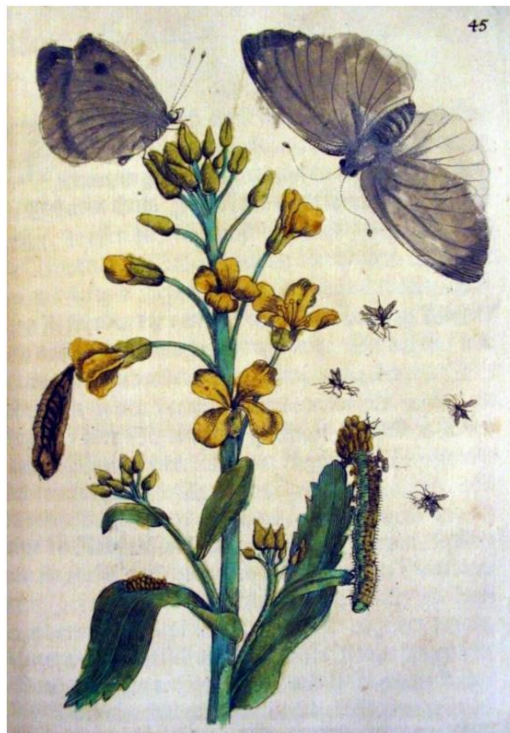


Figura 27 – Maria Sibylla Merian, 1679, prancha 45, *Der Raupen*.

Esta imagem não foi colorida por Merian.



Figura 28 – Eleazar Albin, 1720, prancha 1, *A Natural History of English insects*.

Muitas vezes, essas citações eram críticas ou tentativas de correção da obra de Merian, como é o caso de Catesby. Mas o objetivo de Etheridge consiste em mostrar que esses e outros estudiosos passaram a organizar suas imagens ao estilo de Merian e/ou a descrever as “interações ecológicas” de animais entre si²⁷⁰. Este seria, então, um forte indício do pioneirismo de Maria Merian como primeira ecologista²⁷¹.

Indícios do contato com outros naturalistas vão ficando mais indiretos ou circunstanciais, como é o caso de William Bartram (1739-1823)²⁷², que criou imagens em aquarela. Segundo Etheridge, com “uma pequena fatia de comunidade biológica que é semelhante ao trabalho de Merian”²⁷³, mesmo Etheridge não tendo conseguido provar que Bartram tivesse tido contato direto com a obra da autora.²⁷⁴ Desse modo, iria se somando uma corrente de estudiosos que passaram a modelar

²⁷⁰ Um exemplo seria a imagem da aranha consumindo um beija-flor.

²⁷¹ *Ibid.*, 43

²⁷² *Ibid.*, 44

²⁷³ *Ibid.*

²⁷⁴ *Ibid.* Etheridge afirma que Bartram poderia ter tido contato com a obra de Merian via Catesby, este sim citado por Bartram.

suas composições diretamente via Maria Merian, ou através de outros autores que já haviam se baseado no trabalho dela.

Uma das consequências mais visíveis de tais concepções encontra-se nos veículos de comunicação destinados ao público em geral, pois a ideia de que Maria Merian seria a primeira ecologista continua permeando a linguagem contemporânea dos divulgadores. Em artigos de jornal – ou mídias semelhantes – é possível encontrar trechos como: “era muito estranho para a época pintar uma lagarta com a mesma importância com que se pintava uma rosa. E Maria fazia isso. Por esse motivo ela foi considerada a primeira ecologista da história”. Ou “O trabalho dela continua sendo relevante para o universo acadêmico e para a preservação do meio ambiente. Por isso, muita gente a considera a primeira ecologista do mundo.”²⁷⁵

Assim, ainda na contemporaneidade permanece a visão anacrônica e equivocada de “pioneirismo”, enquanto chancela de originalidade, distinção e heroísmo. Entretanto, quando se tem contato com os trabalhos de estudiosos anteriores a Maria Merian, ou com os seus próprios trabalhos, bem como com os de autores imediatamente posteriores a ela, percebe-se a intrincada rede de relações entre eles – seja de colaboração, competição, discordância e influência. Por sua vez, a análise de tal rede se mostra um tema do maior interesse, pois só assim poderemos retirar esses autores do altar magnífico em que foram colocados, impropriamente, e devolvê-los ao fluxo da história ao qual pertenceram.

²⁷⁵ Estes dois trechos referem-se, respectivamente, à reportagem da *Folha de São Paulo* e do site da BBC. Inclui-se aqui também o vídeo sobre Maria Merian produzido pelo programa *Fantástico*, da rede Globo.

Considerações Finais

Maria Sibylla Merian, a pintora e estudiosa seiscentista proveniente de Frankfurt, desempenhou os diversos papéis sociais designados a ela em sua vida. Mas também encontrou meios para desempenhar aqueles que queria. Seu estudo sobre insetos não foi vetado pela família e, de fato, já na vida adulta, encontrou bastante colaboração entre familiares, amigos e acadêmicos. Muitos aspectos de sua vida particular permanecem um enigma para os quais a documentação primária conhecida até o momento não fornece respostas. Por que estudou as metamorfoses dos insetos desde tão tenra idade? Por que compôs suas imagens do modo como o fez? Quais os reais motivos que a teriam levado a se afastar do marido? Como era sua relação íntima com as filhas? Essas questões, dentre outras, são debatidas pela historiografia que se dedica a estudar Maria Sibylla Merian, mas permanecem apenas como especulações baseadas em indícios.

Diferentemente de suas obras sobre lagartas europeias, fruto de anos de contato assíduo com seu objeto de estudo, a obra sobre o Suriname foi resultado de apenas dois anos de pesquisas. As informações que esta última oferece, entretanto, tanto em questão imagética quanto no trato textual, possuem um valor inestimável. Isso se deve também ao fato de seus textos, além de fornecerem preciosas descrições das metamorfoses, reunirem em torno de si uma série extremamente rica em informações sobre as relações entre os seres humanos e a natureza do Suriname. Estudar essa documentação a fundo, evitando anacronismos e buscando devolvê-la ao período de estudos ao qual pertence, ainda demanda um longo e minucioso trabalho, apenas iniciado aqui, de forma preliminar.

Bibliografia

- Alfonso-Goldfarb, Ana Maria. *O que é História da Ciência*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. & Maria H. R. Beltran, orgs. *Escrevendo a História da Ciência: Tendências, Propostas e Discussões Historiográficas*. São Paulo: Livraria da Física; FAPESP; Educ, 2004.
- Alpers, Svetlana. *A Arte de Descrever*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- Alsteens, Stijn & Freyda Spira, cur. *Dürer and Beyond. Central European Drawings in The Metropolitan Museum of Art, 1400-1700*. Nova Iorque: The Metropolitan Museum of Art, 2012.
- Bates, Henry Walter. *The Naturalist on the River Amazons*. Londres: John Murray, 1863.
- BBC News Brasil. "A Mulher que Descobriu a Metamorfose e se Embrenhou de Espartilho na Amazônia no Século 17". BBC Brasil, 14 de janeiro de 2018. Acessado em 24 de maio de 2021. <https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2021/02/conheca-maria-sibylla-a-mulher-que-estudava-e-pintava-insetos.shtml>
- Beinart, Willian & Karen Middleton. "Transferência de Plantas em uma Perspectiva Histórica: o Estado da Discussão". Trad. Henrique Bertulani *Topoi* 10, nº 19 (jul/dez 2009): 160-180.
- Davis, Natalie Zemon. *Nas Margens. Três Mulheres do Século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- Debus, Allen G.. *O Homem e a Natureza no Renascimento*. Porto: Editora Porto, 2004.
- Etheridge, Kay. "Maria Sibylla Merian: The First Ecologist?" In *Women and Science: Figures and Representations – 17th Century to Present*, ed. Donna Spalding Andreolle, 31-61. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2011.
- Febvre & Martin, *O Aparecimento do Livro*. São Paulo: EDUSP, 2019.
- Fernandes, M. G. M. "O Corpo e a Construção das Desigualdades de Gênero pela Ciência." *Physis* 19, nº4 (2009). Acessado em 09 de dezembro de 2021. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000400008>
- Ferraz, Márcia H. M. "Yes, Nós Temos Caju". *História da Ciência e Ensino: Construindo Interfaces* 3 (2011): 31-51.
- Franco, Marcella. "Conheça Maria Sibylla Merian, a Mulher que Estudava e Pintava Insetos". *Folha de São Paulo*, 20 de fevereiro de 2021. Acessado em 25 de abril de 2021. <https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2021/02/conheca-maria-sibylla-a-mulher-que-estudava-e-pintava-insetos.shtml>
- Freedberg, David & Jan de Vries, eds. *Art in History, History in Art. Science, Commerce, and Art: Neglected Topics at the Junction of History and Art History*. Santa Monica: Getty Center for History of Art and the Humanities, 1991.

- Gesteira, Heloisa Meireles. "O Recife Holandês: História Natural e Colonização Neerlandesa (1624-1654)". *Revista da SBHC* 2, nº 1 (jan/jun, 2004): 6-21.
- Guilding, Landsdow. "Observations on the Work of Maria Sibylla Merian on the Insects of Surinam", in *Magazine Of Natural History*, org J. C. Loudon, F. L. G. & Z. S., 355-375. Londres: A. Spottiswoode, 1834.
- Heard, Kate. *Maria Merian's Butterflies*. Inglaterra: Royal Collection Trust, 2016.
- Ignatofsky, Rachel. *As Cientistas: 50 Mulheres que Mudaram o Mundo*. São Paulo: Blucher, 2017.
- Israel, Jonathan. *The Dutch Republic. Its Rise, Greatness, and Fall 1477-1806*. Oxford: Clarendon Press Oxford, 1995.
- Long, Pamela O. "Multi-tasking "Pre-professional" Architect/Engineers and Other Bricolagic Practitioners as Key Figures in the Elision of Boundaries Between Practice and Learning" in *Sixteenth-Century Europe: Some Roman Examples In The Structures of Practical Knowledge*, ed. Matteo Valleriani, 223- 246. Suíça: Springer International Publishing 2017.
- _____. "Trading Zones in Early Modern Europe". *Isis* 106, nº 4 (2015): 840-847.
- MacLeay, Willian S. "Remarks Tending to Illustrate the Natural History of Two Annulose Genera, Namely, *Urania* of Fabricius, and *Mygale* of Walckenaer". *Proceedings of The Zoological Society of London*. Part II (1834): 10-12.
- Maggs, Sam. *Wonder Woman: 25 Mulheres Inovadoras, Inventoras e Pioneiras que Fizeram a Diferença*. São Paulo: Primavera Editorial, 2017.
- Martini, Fatima Sans. "Naturezas-Mortas no Século de Ouro Holandês". Acessado em 09 de dezembro de 2021. <https://arteref.com/artigos-academicos/naturezas-mortas-holandesas/>
- Merian, Maria Sibylla. *Metamorphosis insectorum Surinamensium*. 1707. Reimpressão fac-similar, Amsterdam: Lannoo, 2016.
- Mulder, Hans & Marieke van Delft, "A produção do *Metamorphosis insectorum Surinamensium*". Apresentação para *Metamorphosis Insectorum Surinamensium* 1705, de Maria Sibylla Merian, 1º ed., 40-48. Amsterdam: LANNO, 2016.
- Neri, Janice. *The Insects and the Image. Visualizing Nature in Early Modern Europe, 1500-1700*. Mineapolis: University of Minnesota Press, 1991.
- Pereira, Rafael S. B. "O Trânsito entre Imagem Escrita e Imagem Iconográfica em Theodore de Bry na Representação da Barbárie Americana". In *Anais do XVII Semana de Humanidades do Departamento de História – UFRN*, Junho 2009.
- Petiver, James. *Opera, Historiam Naturalem Spectantia: Containing Several Thousand Figures of Birds, Beasts ... To Which Is Now Added Seventeen Curious Tracts*. 2 vols. Londres: Printed for John Millan Bookseller, 1767.
- Pietters, Florence F. J. M. & Diny Winthagen. "Maria Sibylla Merian, Naturalist and Artist (1647-1717): a Commemoration on the Occasion of the 350th Anniversary of her Birth". *Archives of Natural History* 26, nº1 (1999): 1-18.

- Raffaini, P. T. "Museu Contemporâneo e os Gabinetes de Curiosidades". *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia* 3 (1993): 159-164.
- Reitsma, Ella. "Maria Sibylla Merian: an Exceptional Woman". Apresentação para *Metamorphosis Insectorum Surinamensium* 1705, de Maria Sibylla Merian, 1º ed., 9-18. Amsterdam: LANNO, 2016.
- Roemer, Bert van de. "Merian's Network of Collector-Naturalists". Apresentação para *Metamorphosis Insectorum Surinamensium* 1705, de Maria Sibylla Merian, 1º ed., 9-18. Amsterdam: LANNO, 2016.
- Rooney, Anne. *A História da Biologia*. São Paulo: M. Books, 2018.
- Schama, Simon. *O Desconforto da Riqueza. A Cultura Holandesa na Época de Ouro, uma Interpretação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- Sidman, Joyce. *The Girl Who Drew Butterflies. How Maria Merian's Art Changed Science*. Nova Iorque: Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company, 2018.
- Stearns, Raymond Phineas (1952). "James Petiver. Promoter of Natural Science, c.1663-1718". *Proceedings of the American Antiquarian Society* 62 (1952): 243-365.
- Stern, Willian T. "Maria Sibylla Merian (1647-1717) as a Botanical Artist". *Revista Taxon* 31, nº 3 (1982): 529-534.
- Telles, Norma. "Maria Sibylla Merian: Artista-Naturalista." *Labrys – Estudos Feministas* 23 (jan/jun 2013). Acessado em 09 de dezembro de 2021, https://www.labrys.net.br/labrys23/aventura/maria_sibylla_merian.htm
- Todd, Kim. *Chrysalis. Maria Sibylla Merian and the Secrets of Metamorphosis*. Londres: I. B. Tauris & Co. Ltd, 2007.
- Valiant, Sharon. "Maria Sibylla Merian: Recovering an Eighteenth-Century Legend." *Eighteenth-Century Studies* 26, nº 3 (1993): 467-479. Acessado em 30 de maio de 2020. <https://www.jstor.org/stable/2739414>
- Wettengl, Kurt. *Maria Sibylla Merian. Artist and Naturalist Between Frankfurt and Surinam*. Ostfildern: Hatje, 1998.

Links importantes

- Mulheres Fantásticas #8 | Maria Sibylla Merian – video TV Globo. https://www.youtube.com/watch?v=JxJIA0PF6vg&ab_channel=TVGlobo. Acessado em: 23 de novembro de 2021.
- MARIA SIBYLLA MERIAN | Casal Físico-Química 16. https://www.youtube.com/watch?v=q2ZZog39hpQ&t=306s&ab_channel=CasalF%C3%ADsico-Qu%C3%ADmica. Acessado em 27 de novembro de 2021.
- Matthaeus Merian. *My Heritage*. <https://www.myheritage.com.pt/research/collection-10182/resumos-biograficos-de-pessoas-notaveis?action=showRecord&itemId=47629&indId=externalindividual->

998779cf87d17242b639b02a563feab2&trn=partner_Geni&trp=logged_out
_matches_module. Acessado em 07 de maio de 2022.